

Isa Freire

Oficina das Emoções

A VIVÊNCIA DO MITO NA BIODANÇA

Monografia apresentada no 3o. Encontro da Regional II,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Facilitadora Titular pela Associação Latino
Americana de Biodança (ALAB).
Rio de Janeiro, agosto de 1994

Orientadora
Sônia Reis
Titular-Didata

Banca Examinadora

Maria Adela C. Martin Irigoyen
Facilitadora Titular Didata, Rio de Janeiro

Mirta Schinini
Facilitadora Titular Didata, Buenos Aires

Rolando Toro Arañeda
Criador da Biodança

Orientadora

Sônia Bernadete Simões dos Reis
Facilitadora Titular Didata, Brasília

Freire, Isa. Oficina das Emoções; a vivência do mito na Biodança. Monografia apresentada no 3o. Encontro da Regional II, como requisito parcial para obtenção do grau de Facilitador Titular pela Associação Latino-Americana de Biodança (ALAB). Rio de Janeiro, agosto de 1994.

RESUMO

Oficina das Emoções é um projeto desenvolvido pelo Centro de Biodança de Brasília, com o objetivo de promover vivências de mitos através do Sistema Biodança, criado por Rolando Toro. A metodologia de trabalho aborda o mito como metáfora inserida em um dado contexto cultural, induzindo vivências a partir do modelo teórico-operacional da Biodança. O primeiro mito trabalhado no projeto foi o de *Eros & Psiquê*, abordado na perspectiva do *casamento interior* representado pela união dos opostos complementares da *anima* e do *animus* (conforme conceitos propostos por C.G. Jung) ou do corpo e da alma (conforme a tradição ocidental). Nesta abordagem, a busca de *Psiquê* pelo seu amado *Eros* representa a nossa própria jornada rumo à individuação (tornar-se único) e à necessidade de vinculação com a espécie (sentir-se semelhante). As tarefas que Afrodite impõe a *Psiquê*, são a expressão simbólica adequada para a vivência da busca do Amor iluminado pela chama divina: na presença do Outro caminharemos para nós mesmos, tal como *Psiquê* enfrentou seu destino por amor a *Eros*.

Para Zilda, Vânia, Sônia e Patrícia
- com quem aprendi a
vivenciar a *anima*

Em memória de Inácio, Márcio e Ricardo
- que me encorajaram a
expressar o *animus*

SUMÁRIO

Apresentação

Oficina Das Emoções

1. O mito como metáfora
2. O mito como vivência
3. *Eros&Psiquê, casamento interior*

Quem conta um conto...
... aumenta um ponto

COMENTÁRIOS FINAIS

Bibliografia

Apêndice

BIODANÇA, A DANÇA DA VIDA

Por **Rolando Toro**, criador da Biodança

*"Ateia a chama do amor e consome no fogo todas as coisas,
Põe o pé, então, na terra dos que amam."*

Bahá'u'lláh, Os Sete Vales e Outros Escritos

APRESENTAÇÃO

Este é um trabalho escrito a duas mãos, criado e desenvolvido a quatro mãos e, para dizer a verdade, além de mim e de Sônia Reis algumas outras pessoas também botaram suas mãoszinhas nessa massa.

Quando começamos a imaginar a o projeto *Oficina das Emoções*, que nasceu ao mesmo tempo que a idéia de vivenciar o mito de *Eros & Psiquê*, tivemos o valioso apoio da Facilitadora Titular-Didata Mirta Schinini, que discutiu horas conosco sobre a (im)pertinência de usar-se os quatro animais emblemáticos da Biodança (garça, tigre, hipopótamo e serpente) como símbolos para as quatro tarefas de Psiquê. Encontramos a saída metodológica em Hillmann: as categorias de pensamento podem até ser intercambiáveis porém, como os sinônimos, têm um limite para a homologia. Mas, agradecemos a Mirta pela oportunidade que nos deu de crescer através da discussão crítica, pois nosso projeto passou por um crivo profissional dos mais competentes no Sistema Biodança.

Também foi importante a supervisão que Maria Paula Brum, Facilitadora Titular-Didata, nos deu sobre a estruturação dos módulos em *Eros & Psiquê*; e a entrevista que Almira Rocha, Facilitadora Titular-Didata, me concedeu sobre a estrutura teórico-operativa d'*Os Quatro Elementos*, que nos ajudou a esclareceu as diferenças metodológicas entre a *Oficina das Emoções* e as oficinas criadas por Toro para a vivência de arquétipos do inconsciente coletivo.

Desde o início do trabalho acreditamos em nós, em nossas potencialidades como seres humanos e em nossa capacidade de encontrar respostas para os desafios que nos foram colocados. Temos trabalhado com progressividade, com assertividade e com afeto, para plantar no coração dos seres humanos que o Destino nos tem confiado, a semente do Amor. E a reciprocidade do amor nos chegou através de Rolando Toro, criador do Sistema Biodança, que generosamente nos deu supervisão para o trabalho com a vivência do mito de Narciso.

Temos muito o que e a quem agradecer, mas seremos sempre devedoras do grupo que entrou na nossa *oficina* para a vivência do mito de *Eros & Psiquê* pela primeira vez - a cada um de vocês, que já celebraram o *casamento sagrado* no interior de si mesmo e com o outro, agradecemos a oportunidade de criar, com a energia do Amor, mais vida em nossas vidas.

*"... o que um conteúdo arquetípico sempre afirma é,
antes de tudo, uma parábola linguística."*

C.G. Jung apud Jacobi

1. O mito como metáfora

No Projeto Minotauro, Toro (1988) coloca que "o mundo, no plano arquetípico, se apresenta como um gigantesco teatro onírico, onde se desenvolve a dramática luta entre os heróis e monstros do inconsciente coletivo", como mitos. No seu entender, e de outros eminentes pesquisadores da mitologia, o mito se expressa como metáfora da alma humana, sendo produzido a partir de sensações biológicas, considerando os padrões de organização da cultura de um povo em um dado meio ambiente. Nas palavras de Campbell (1991), "como os sonhos, os mitos são produtos da imaginação humana. Suas imagens, em consequência, embora oriundas do mundo material e de sua suposta história, são, como os sonhos, revelações das mais profundas esperanças, desejos e temores, potencialidades e conflitos da vontade humana - que por sua vez é movida pelas energias dos órgãos do corpo que funcionam de maneiras variadas uns contra os outros, e em concerto. Ou seja, todo mito, intencionalmente ou não, é *psicologicamente* (grifo do autor) simbólico. Suas narrativas e imagens devem ser entendidas, portanto, não literalmente, mas como metáforas".

O mito é uma fala, como bem o coloca Barthes, mas não é uma fala qualquer. Sendo um sistema de comunicação de mensagens, o mito é um modo de significação, uma forma do universo semiológico que a realidade de cada cultura constrói a partir da interação dos homens enquanto sistemas vivos. E qual seria a função específica do mito? Para Barthes, é a de transformar um sentido em forma, sendo simultaneamente sentido, pleno de um lado e vazio do outro - um sistema semiológico inserido no sistema mais amplo das formas e significados vigentes numa dada cultura. Por isso mesmo, as formas míticas participam da dinâmica cultural dos povos que as produzem, mantendo, porém, inalterados seus conteúdos ou significados, as imagens que Jung considera 'primordiais' e às quais denominou 'arquetipos', os quais teriam raízes biológicas e expressão histórica. Nas palavras de Franz Boas, citado por Lévi-Strauss, "dir-se-ia que os universos mitológicos são destinados a serem pulverizados mal acabam de se formar, para que novos universos nasçam de seus fragmentos".

Aparentemente arbitrários, no entanto os mitos se reproduzem com os mesmos caracteres e segundo os mesmos detalhes nas diversas regiões do mundo, conforme demonstrou Eliade. E, nesse sentido, Lévi-Strauss indaga: se o conteúdo do mito é inteiramente contingente a uma dada cultura, como compreender que de um canto a outro da terra, os conteúdos se assemelhem tanto? Considerando esse problema, ele coloca que é preciso reconhecer que o mito está, simultaneamente, na linguagem e além dela: por um lado, expressando-se através de uma língua, o mito faz parte de um tempo reversível; por outro, utilizando-se das palavras disponíveis em um dado momento, pertenceria ao domínio de um tempo irreversível, ou histórico. Definindo-se como um sistema temporal que combina as propriedades de ambas, língua e palavra, formando uma estrutura permanente, o mito oferece uma originalidade única em relação a todos os outros fatos linguísticos. Para Lévi-Strauss, o mito seria uma modalidade de discurso na qual a fórmula *traduttore, traditore* tenderia a zero: seu valor como mito persiste, a despeito da pior tradução, uma vez que sua substância não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na história (grifo do autor) que é relatada. O conteúdo da metáfora transcende sua forma.

Como demonstra Toro (1988 e 1992), o mito tem raízes biológicas na vivência, na experiência com o potencial filogenético, e sua expressão simbólica se realiza na cultura, na experiência histórica de cada povo. Para uma mesma espécie, *homo sapiens*, com um passado biológico comum, existem expressões culturais diversificadas e pertinentes às especificidades do meio ambiente dos grupos humanos. Numa perspectiva próxima a esta, Durand destaca o relevante papel da vivência simbólica (uma especificidade genética do filo *sapiens*) para o equilíbrio do sistema biológico humano, propondo quatro funções da 'imaginação simbólica' enquanto restauradora desse equilíbrio, fazendo sentir seus benefícios: (a) como mecanismo restabelecedor do equilíbrio vital (este e os próximos grifos são de Durand) comprometido pela noção da morte (percepção biológica da tendência entrópica do universo, desorganização dos padrões de vida; parêntesis meu); (b) como pedagogia utilizada para

restabelecer o equilíbrio psicossocial; (c) como estabelecedor de um equilíbrio antropológico que constitui o ecumenismo da alma humana; (d) por fim, diante da entropia positiva do universo, como o domínio do supremo valor que "equilibra o universo que passa, através de um Ser que não passa, a quem pertence a eterna infância, a eterna aurora; e o símbolo então, resulta numa teofania". A fala mítica, com suas variadas metáforas culturais sobre um mesmo conteúdo arquetípico, tem a potência do sagrado e através dela uma parte do mistério do cosmos se torna acessível à alma humana. Imaginamos através de símbolos, esses mesmos símbolos através dos quais a realidade adquire significado, revelando-se a si mesma e aos sistemas vivos humanos nesse processo.

Definindo 'mito', Eliade reconhece sua complexidade própria no âmbito da produção cultural dos homens, esclarecendo que um dos componentes que a agravariam é representado pelas múltiplas e complementares perspectivas através das quais o mito pode ser abordado e interpretado. Optando por uma perspectiva ampla, ele define o mito como a narrativa de uma história sagrada, que "relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. (...) o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma 'criação': ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser" (grifo do autor). Os mitos narram, pois, a origem de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje - um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver e trabalhando de acordo com determinadas regras, e que deve sua existência e a do mundo à ação criadora de entidades sobrenaturais no 'princípio'. Com suas pesquisas de campo, os etnólogos mostraram que os povos primitivos recapitulam periodicamente, através do canto e da dança, esses acontecimentos sagrados, numa rememoração e reatualização ritual dos eventos míticos essenciais, repetindo, no aqui e agora, o que ocorreu *ab origine*, nos primórdios da criação do mundo natural e dos fatos culturais.

Quando propôs, com o Projeto Minotauro, a vivência do mito em que Teseu, com ajuda de Ariadne, penetra no labirinto e luta com o Minotauro, ferindo-o de morte, Toro inspirou-se nos ritos de iniciação que celebram essa *participation mystique* com o 'originário', em especial na tradição dos *mistérios* de Elêusis, na Grécia antiga. Para ele, os *ritos de iniciação* propiciam uma mudança radical da visão do mundo e da própria vida, constituindo-se na oportunidade de renascimento para uma nova condição humana a partir da coragem de enfrentar o mistério de si mesmo: "a utilização do mito e do arquétipo tem, no Projeto Minotauro, uma nova abordagem: o símbolo universal torna-se realidade existencial. A utilização de 'desafios', num contexto mítico, torna o participante protagonista de seu próprio processo de crescimento e o restitui à grandeza humana. O emprego da música, como força de deflagração dos potenciais evocados, constitui um fator importantíssimo, por ser a música uma linguagem capaz de transpor as estruturas defensivas. Essas características dão ao Projeto a força de um holograma vivo, um meio de coesão da unidade do homem. Dentro do panorama atual da terapia, o Projeto Minotauro é um sistema holístico de integração, em que predominam os recursos cenestésico-vivenciais, sem que isto signifique a exclusão dos aspectos cognitivos".

A interpretação de Toro para o mito original grego é inovadora e criativa:

"Se o Minotauro pode representar arquetipicamente o conjunto dos instintos - sabedoria milenar da espécie, que zela pela conservação da vida -, matar o Minotauro pode ter o significado de uma ação antivida. Nesse caso é perfeitamente explicável que a história de Teseu, matador de monstros, seja uma série ininterrupta de tragédias.

É interessante observar, numa espécie de visão analítico-existencial de Teseu, que suas desgraças provêm de sua dissociação do instinto. Entrar em nosso labirinto - símbolo do caminho interior e busca do centro - é assumir a aventura de tomar contato com nossas forças primordiais.

Durante a experiência Minotauro se realiza o caminho inverso ao da própria gênese do mito. O Projeto Minotauro realiza a passagem que vai do mito à experiência real (grifo do autor), do símbolo ao drama concreto, do arquétipo à existência.

Esse processo de conversão envolve o transporte de significados universais ao plano vivencial. Durante essa cerimônia de transmutação o mito adquire aspectos inéditos e desenlaces diferentes. Ao 'atualizar-se' na vivência, se nutre com as variáveis presentes na situação atual. Se o mito nasceu de situações históricas reais, agora volta às condições concretas que lhe deram origem, em homens de carne e osso.

O método de associação por ampliação, mediante o uso de símbolos e arquétipos, de Jung, fica consolidado em sua estrutura semântica própria, iluminando a consciência, sem comprometer as estruturas cenestésico-vivenciais.

O Projeto Minotauro centra seu efeito terapêutico justamente nesse compromisso existencial com a vivência, em situações de crise.

Esse processo de conversão do símbolo em vivência me parece constituir um caminho de valor heurístico para a psicoterapia. A história da espécie humana poderia servir como servomecanismo das fantasias eternas, para induzir processos evolutivos".(1988, p.43-4)

Ao ajudar o participante a superar os medos que ameaçam sua identidade, o Projeto Minotauro dissolveria, progressivamente os núcleos de conflito existencial, reforçando a integração do indivíduo em si mesmo e aos sistemas vivos do universo. No modelo teórico-metodológico de Toro, o Projeto tem sua expressão ritual nos 'desafios' que os participantes devem enfrentar para superar os medos que identificaram em si mesmos, enquanto sua

força de transmutação existencial reside na estimulação dos poderes do inconsciente coletivo.

Com essa proposta, Toro introduziu uma inovação metodológica que transcende o nível do mito como metáfora e postula a vivência do mito, tal como se propunham os antigos mistérios de iniciação mística, retomando o aspecto terapêutico da energia biológica disponível para a 'imaginação simbólica'. Passado e futuro no aqui e agora, a vivência do mito supera as causalidades provocadas pela seta irreversível do tempo, promovendo uma sincronicidade que se expressa na realidade existencial humana através das emoções pessoais tecidas com o fio dos significados, no tear onde se tece a criação da vida.

"Como el agua de una vertiente, las vivencias surgen con espontaneidad y frescura. (...) Las vivencias constituyen la expresión originaria de lo que es mas íntimo de nosotros mismos, anterior a toda elaboración simbólica o racional." **Rolando Toro**
Teoria da Biodança

2. O mito como vivência

O *homo sapiens* desenvolveu sua capacidade de comunicação a um nível simbólico, como uma nova estrutura emergente das experiências anteriores com formas de comunicação não-simbólicas. A partir dessa emergência da *consciência cognitiva* (ou *que conhece*), a mais complexa estrutura cérebro-espinhal no reino dos mamíferos, a espécie humana desenvolveu uma nova forma de transmitir a experiência adquirida nas eras através e nas quais evoluiu enquanto espécie. Além da forma natural, biológica, dos instintos a evolução humana criou a forma cultural dos símbolos, dotada de dois tipos de significados complementares: o do indivíduo (subjetivo), da consciência de si enquanto identidade bio(psico)lógica que percebe, reflete e age; o da coletividade (objetivo), da consciência de si enquanto parte da totalidade de um universo relacional organizado em função da vida. No primeiro, podemos identificar a

expressão dos instintos básicos, que conservam e reproduzem os genes da espécie no processo evolutivo dos hominídeos; no segundo, a criação de 'imagens primordiais', significantes culturais das *funções originárias da vida* (conforme Toro) ou *arquétipos do inconsciente coletivo* (conforme postulados por Jung), dotados de conteúdo biológico e expressão simbólica.

Assim como os elementos do código genético podem ser definidos como as menores unidades dotadas de significado para o organismo biológico, para o sistema vivente humano os arquétipos, podem ser definidos como as menores unidades dotadas de significado simbólico para a psique. Ambos se equivalem e contribuem para tornar esse sistema vivente mais apto e adaptado às diversas e adversas condições do meio ambiente no planeta, proporcionando-lhe mais chances de sobrevivência do que qualquer outra espécie sobre a Terra. Arquétipos e código genético (ADN) contêm, conforme a natureza de sua ação no mundo, toda a informação necessária à manutenção do instável equilíbrio biológico da espécie e às transformações decorrentes de inovações ou mutações demandadas nesse processo. O padrão biológico e o padrão simbólico (arquetípico) se (con)fundem no sistema vivente humano, que desenvolveu a *consciência de si e da necessidade de relação com o outro*; através do processo de seleção natural, a estrutura biológica tornou possível a emergência do padrão cultural e a interação de ambos proporcionou a emergência dos hominídeos e, por fim, do 'homem sábio'. Enquanto os instintos organizam as funções originárias da vida orgânica, que pertencem à natureza de eros, os arquétipos fornecem as formas possíveis de significado na vida cultural, da natureza da psique.

A partir dos padrões culturais, universais em seus conteúdos arquetípicos, os sistemas viventes humanos atribuem significado às suas vidas pessoais, tornam-se indivíduos, seres biológicos únicos que permanecem ligados à espécie pela herança genética e pelo potencial criador de cultura, pelo (re)conhecimento de si e da história comum à raça humana. A biodiversidade natural tem sua contrapartida no mundo humano da diversidade cultural; a potencialidade genética da espécie tem sua contrapartida na tradição e atualização das formas simbólicas coletivas, mitos e rituais que se perdem na noite dos tempos históricos, tal como os comportamentos instintivos se perdem nas raízes da 'árvore' filogenética. A herança biológica humana traz consigo a luz das 'imagens primordiais'; cada potencial genético realizado em um ser humano traz consigo as formas *numinosas* através das quais o indivíduo sente e conhece a si mesmo e se relaciona com outros sistemas viventes no universo. Na noite dos tempos

cósmicos, a consciência humana acende a luz com a qual ilumina suas sensações biológicas com um significado simbólico expresso em mitos cuja interpretação final sempre nos escapará. Em cada sistema vivente humano, as possibilidades genéticas adquirem uma conotação psíquica, de modo que cada indivíduo possa interagir com o meio ambiente e encontrar o sentido de sua própria vida em consonância com o do sistema de criação da vida no universo; em cada indivíduo, a sensação de sentir-se único e a premência de tornar-se semelhante.

Toro denomina *vivência* a essa *gestalt* cosmobiológica com expressão simbólica, e a define, para o Sistema Biodança, como *instante vivido*. As vivências são anteriores à própria formação dos conteúdos simbólicos e à sua expressão pelos seres humanos; sendo anteriores ao 'homem que sabe', têm profundas raízes nas sensações biológicas dos sistemas viventes, resgatando a memória filogenética da humanidade até seus primórdios, no limiar do *momentum* em que a Vida encontrou uma nova forma de expressão e (re)criação genética. A vivência emerge no instante em que se está vivendo com todo o poder do *numes*, do sagrado, dotando aquele momento de um poderoso significado pessoal - o coletivo se encarna no indivíduo. Por possuírem a 'qualidade do originário', as vivências têm uma 'força de realidade' que compromete todo o organismo biológico mas não estão submetidas ao controle da consciência cognitiva; segundo Toro, "podem ser 'evocadas', mas não dirigidas pela vontade. Em certa medida, estão fora do tempo, da memória, do aprendizado e do condicionamento" (1992).

A vivência é concomitante e abrangente em todos os níveis de consciência do organismo biológico, expressando-se através de um processo de renovação constante da vida nos sistemas viventes. Para a espécie humana, essa renovação também se expressa em modelos culturais, apresentando uma qualidade *numinosa*, que transforma as pulsões biológicas dos instintos em 'imaginação simbólica' (conforme Durand) e ação social (conforme Geertz); na perspectiva de Toro, essa energia move a expressão da identidade do indivíduo em sua relação com um 'outro' com quem participa do processo de criação da própria vida. A existência humana se expressa enquanto desenvolvimento de um projeto que tem um núcleo propulsor de natureza emocional cujo ponto de partida está no potencial genético do indivíduo, em sua capacidade afetiva de vinculação consigo mesmo, com a espécie biológica e com o cosmo. Mobilizando esses potenciais de energia disponíveis no sistema viivente humano, as vivências podem

resgatar, de forma apropriada e integradora, metáforas cujos símbolos se (re)produzem nos mitos e movimentos rituais de todos os povos.

A Biodança trabalha com a indução de vivências que têm um valor integrador em si mesmas, 'evocando' conteúdos primordiais que se organizam segundo o modelo teleológico que orienta a criação da vida no universo, um princípio que Toro denominou *biocêntrico* (ver **Apêndice**); sua ação se baseia no sistema límbico-hipotalâmico, centro da conduta flexível, das emoções e dos instintos. Induzindo, ou 'evocando', vivências o facilitador de Biodança ativa a memória arquetípica humana, promovendo uma profunda e necessária integração entre organismo biológico e organização cultural (simbólica). Os canais de expressão desse processo de interação entre natureza e psique são as *linhas de vivência*, estruturadas a partir da interação de instintos básicos e denominadas *vitalidade, sexualidade, afetividade, transcendência e criatividade*; as pulsões biológicas subjacentes a esses canais são, respectivamente, de sobrevivência, de reprodução, de sentimento gregário, de significado existencial, e de produzir inovações no processo de criação e manutenção da vida.

A vida *dança* através dessas 'linhas de expressão humana', que se desenvolvem num movimento ascendente, bio(crono)lógico, a partir de um dado potencial (filo)genético em busca da integração numa identidade capaz de se (re)conhecer e se vincular afetivamente; e, num movimento ondulatório, em busca do equilíbrio instável e transitório entre a consciência do si mesmo histórico e a regressão às *funções originárias*, ou 'primordiais', um movimento no qual o organismo biológico transcende seu momento cronológico, expressando-se como a eterna pulsação da vida, agora dotada de significado existencial através das emoções pessoais. As propostas metodológicas de 'imaginação ativa' e 'amplificação' formuladas por Jung, por exemplo, adquirem, no Sistema Biodança, uma corporeidade vivida no aqui e agora, tornando possível a experiência biológica e pessoal do universo simbólico coletivo (no qual se destacam as metáforas míticas) como uma realidade existencial imediata, poderosa e deflagradora de transformações. Os processos opostos de conservação e mudança se enfrentam e o sentido da evolução favorece a mudança interior, a criação de si-mesmo, que as propostas das psicoterapias procuram favorecer a partir de diversas perspectivas.

O processo de indução de vivências integradoras promove o encontro e a experiência humana com os próprios potenciais genéticos e *numinosos* de

transformação, provocando mudanças no sentir, pensar e agir das pessoas que participam. Toro (1992) formulou parâmetros metodológicos para o facilitador do Sistema Biodança, no sentido de promover mudanças que aumentem a integração do sistema vivo humano, ou seja, seu equilíbrio biológico e sua capacidade de otimização funcional:

- a profundidade da mudança deve ser avaliada em relação à quantidade de subsistemas envolvidos em um ciclo completo, ou seja, à complexidade do processo integrativo abordado;
- a mudança deve produzir-se em *feedback* com o ambiente, pois os ecofatores que interferem nos sistemas vivos integram a biosfera e funcionam em ciclos e em interação com as variáveis criadoras de vida no universo;
- o autocontrole do processo de mudança requer um treinamento prévio em fluidez e criatividade, uma capacidade normal de respostas em *feedback* e uma progressividade no processo de mudança;
- é necessário avaliar responsabilmente e com ternura, as possíveis consequências que a mudança do indivíduo terá em seu meio ambiente; a mudança não deve ser considerada como uma ação solitária, mas sim como um ato verdadeiro e de efeitos nutritivos.

Esses parâmetros são considerados para o Projeto Minotauro e, também, para Os Quatro Elementos, oficina criada por Toro e na qual se promove a vivência dos elementos *água, terra, fogo e ar*, os constituintes básicos da matéria na visão grega. Tendo uma base arquetípica, contendo, portanto, elementos de significado simbólico em uma forma dada, *a priori*, biologicamente, as duas propostas de trabalho com vivências induzidas a partir de 'imagens primordiais' relacionadas às *funções originárias da vida*, proporcionam aos participantes a 'atualização' de um saber antigo e próprio da espécie humana, no sentido que lhe dá Eliade, Lévi-Strauss, Jung, Hillmann, Mindell, von Franz, Campbell, Neumann e outros renomados estudiosos do mito. Isso é possível porque, como explica Jacobi, "o inconsciente coletivo ou psique objetiva é constituído de formas primitivas típicas de vivências e comportamentos da espécie humana"; os arquétipos, nas palavras de Jacobi, "representam o caso psíquico especial do padrão biológico de comportamento que confere a todos os seres vivos a

sua índole específica", e são dados à estrutura dos sistemas vivos humanos "na forma de possibilidades latentes, tanto como fatores biológicos como históricos".

Arquétipo e vivência parecem ser, então, conceitos teóricos complementares, e através do trabalho com a vivência dos mitos Toro faz dessa possibilidade teórica a realidade da experiência com a própria identidade. No aqui e agora, a vivência, por um lado singulariza o indivíduo e, por outro, o torna semelhante aos demais seres humanos - a tragédia pessoal nada mais é do que a tragédia que permeia a vida humana, um problema cuja solução é da responsabilidade de toda a humanidade. E nessa 'moldura' metodológica, o participante torna-se protagonista da história evolutiva do sistema vivo humano, no fluxo do tempo irreversível e fora dele, no espaço do seu próprio corpo, a partir das sensações e significados deflagrados pelos elementos de trabalho do Sistema Biodança: em situações de encontro humano, a música e a emoção induzem à vivência.

No trabalho com mitos em Biodança, o *como se* da imaginação simbólica torna-se o ser real que sente e se expressa a partir dos conteúdos arquetípicos guardados no corpo e na alma humana; e, de repente, o sagrado invade nossos gestos cotidianos, criando oportunidades de transformação e crescimento que são conduzidas, progressivamente, através dos enredos do nosso próprio 'teatro onírico', cujo cenário é a própria vida.

*"No mito de Psiquê demonstra-se significativamente o fato de que não só a alma é purificada e esclarecida passivamente, mas que ela também transmite ativamente o mesmo ao Eros que ama. **Erich Neumann**
Amor e Psiquê*

Eros & Psiquê

Casamento interior

Embora nos tenha alcançado através das categorias simbólicas da cultura greco-romana, o mito de *Eros & Psiquê* é tão antigo quanto a humanidade. É a história de amor entre a natureza e a alma humana, do casamento (*hierosgamos*) entre os princípios masculino e feminino presentes e expressos pelo corpo e pela psique. É, também, a eterna história da perda do amor e dos desafios a vencer para recuperá-lo. Nossa proposta é proporcionar, através do Projeto Oficina das Emoções, a vivência do mito, com o significado que lhe atribuímos.

Mediante situações de encontro consigo mesmo, com o outro e com o cosmos, o Sistema Biodança, promove a indução ou evocação de vivências, que 'constelam' ou 'ativam' ou *afetam* (na terminologia de Jung) em cada participante os arquétipos, ou 'imagens primordiais', profundamente vinculados aos processos orgânicos dos sistemas viventes. As vivências emergem no aqui e agora com toda a força contida no potencial genético da espécie humana, expressando-se através da identidade biopsíquica - apesar de separados pela individualidade, somos todos *homo sapiens*, compartilhamos uma memória filogética e simbólica que se perde na noite dos tempos geológicos.

O mito de *Eros & Psiquê* foi registrado por Apuleio de Madaura (124 a.C.), um romano que pensava como um grego e escreveu Metamorfoses, onze volumes onde conta a história de um jovem chamado Lúcio e várias historietas que não se relacionam com o enredo principal. A história de Eros & Psiquê é contada entre o final do volume IV até o final do volume VI, como se fora um conto de fadas, com um enredo que se desdobra em oito etapas relevantes, inclusive as quatro tarefas que Psiquê deve realizar, por imposição de Afrodite, para reencontrar seu amado Eros. Nas palavras de Neumann (1990), "o que fascina no relato de Apuleio é que, ao lado da plenitude de traços e de inter-relacionamentos mitológicos que apresenta, ele também explica que

esses traços representam um desenvolvimento cujo conteúdo é exatamente a salvação do indivíduo no modelo mítico, a libertação da psique".

Quem conta um conto...

O mito relata a história da filha mais nova de um rei que tinha outras duas filhas. A beleza de Psiquê era tão deslumbrante que o povo passou a render-lhe culto, desprezando o culto à deusa Afrodite; dizia-se que uma nova Afrodite surgiria, não da espuma do mar mas do orvalho da terra. A deusa tomou-se de indignação com essa atitude desrespeitosa do povo, dizendo a si mesma: "Vê, Grande Mãe da Natureza, origem de todos os elementos; observa como tu, que és a alma de todo o universo, estás dividindo as honras da majestade com uma simples mortal... No entanto, essa menina não vai apoderar-se das honrarias que me são devidas: logo a farei arrepender-se de sua ilícita beleza!". E, imediatamente, chamou seu filho Eros, levando-o até aquela cidade para apontar-lhe Psiquê, depois de lhe contar tudo sobre o confronto de belezas. "Vinga-me, mas que seja uma vingança perfeita... e uma única coisa faz com vontade: essa donzela terá de apaixonar-se perdidamente pelo mais horrendo dos homens..." .

Surpreendentemente, Eros apaixonou-se por Psiquê e se manifesta através do oráculo de Delfos, vaticinando para Psiquê núpcias de morte com um monstro. Aos pais, cabe organizar o séquito nupcial, que abandona Psiquê à própria sorte no alto de um rochedo íngreme. Para surpresa de Psiquê, o brando vento Zéfiro a transporta até um bosque encantado, no limiar do qual encontra um rico palácio onde criadas invisíveis se colocam a seu serviço. Quando chega a noite, o misterioso consorte faz de Psiquê sua mulher, mas ela não lhe vê o rosto nem poderá tentar vê-lo, sob pena de perder irremediavelmente o marido. Psiquê logo se habitua à situação, passando a desfrutar dos confortos do palácio e aguardando a noite, que lhe trará de volta o marido, a quem percebe com o tato e do qual ouve a voz. Mas, com o decorrer do tempo, apenas as criadas invisíveis e o marido noturno não lhe satisfazem mais a necessidade de comunicação. Psiquê pensa em como estarão se sentindo seus pais e suas irmãs...

Uma noite, o marido lhe diz que grandes atribulações estão por vir e que o seu amor por ele será testado, suplicando, então, que Psiquê se mantenha atenta. Nesse ínterim, as irmãs de Psiquê, sabedoras da desgraça que se abatera sobre a família,

procuram os pais para consolá-los dirigindo-se, a seguir, ao rochedo das núpcias para prantear a morte da irmã mais nova. Por sua vez, desconhecendo o perigo que se aproxima, Psiquê roga ao marido que a deixe receber as irmãs no palácio, permitindo-lhe compartilhar com elas um pouco de sua riqueza. Por fim, o esposo cede às suas súplicas e juras de amor, mas recomenda a Psiquê para não mencionar que desconhece seu aspecto físico e para não dar ouvido a insinuações maldosas.

Psiquê ordena ao vento Zéfiro que transporte suas irmãs para o palácio, onde chegam entre surpresas e alegres. Porém, depressa o afeto se transforma em inveja ao constatarem a riqueza e os admiráveis detalhes da vida de Psiquê, especialmente a criadagem invisível, chegando à conclusão de que certamente ela se casara com um deus. E começaram, sutilmente, as investigações sobre o aspecto físico do marido de Psiquê, que afinal lhes disse que estava casada com um jovem que se dedicava à caça no bosque próximo ao palácio. Cobrindo as irmãs de jóias e presentes, Psiquê despediu-se, fazendo-as transportar pelo vento Zéfiro. De volta ao rochedo, ambas seguiram apressadamente, conspirando pelo caminho sobre como destruir a felicidade de Psiquê.

Então, de novo o marido de Psiquê a adverte sobre os perigos iminentes que lhe poderão advir se der ouvidos às irmãs e transgredir a proibição de ver o seu rosto; conta-lhe que está grávida e que, se o tabu não for quebrado, a criança virá a ser um deus, caso contrário será mortal. Psiquê se comove e exulta com a perspectiva de vir a ser mãe e jura ao marido que não o trairá, conseguindo, novamente, autorização para a visita das irmãs. A contragosto, Zéfiro as transporta suavemente até a entrada do palácio, onde Psiquê as abraça e lhes comunica, feliz, a notícia de sua gravidez. As irmãs se congratulam com uma alegria forçada e logo entram no assunto que lhes interessa, qual seja o do aspecto físico do marido de Psiquê que, esquecida de sua descrição anterior, lhes diz que ele é um comerciante de meia idade. As irmãs se despedem apressadamente e a caminho de casa seguem conspirando contra Psiquê, baseando-se no fato dela não conhecer o próprio marido e arquitetando um plano para consumir sua desgraça.

E logo regressam ao rochedo, de onde se jogam nos braços de Zéfiro, que mesmo surpreendido as transporta ao palácio, onde adentram jogando-se nos braços de uma Psiquê espantada. Dizem-lhe que lhes custa muito ter que falar, mas ela se casara com um monstro, uma serpente, tal como vaticinara o oráculo de Delfos, e essa serpente aguardava apenas que a gravidez a engordasse para comê-la e ao seu filho.

Psiquê fica estarelecida e, aturdida, comenta em voz alta que não conhece o aspecto físico do marido, donde essa história poderia ter um fundo de verdade. Quando sentem que Psiquê foi fisgada pela intriga, as irmãs lhe contam seu plano para matar a serpente: à noite, quando o monstro adormecer, Psiquê, munida de uma lamparina e de uma faca, deverá matá-lo, separando a cabeça do corpo. Elas lhe prometem todo apoio, mas quando sentem que Psiquê está assaltada pela angústia, despedem-se, apressando o passo no caminho de casa.

Enquanto isso, Psiquê é tomada por uma tempestade interior e sentimentos contraditórios lhe invadem a alma: em um mesmo corpo, ela ama e odeia o monstro em que se transformou o marido a quem não conhece. Porém, em meio à turbulência, se organiza para executar o plano proposto pelas irmãs.

Depois que o marido adormece, Psiquê levanta-se silenciosamente e acende a lamparina, segurando a faca com a mão direita. Ela ilumina a cama e se debruça para ver o rosto do consorte misterioso... e qual sua surpresa e admiração, ao reconhecer o mais belo de todos os deuses, Eros, dormindo tranquilamente. Psiquê é tomada de grande emoção e seu primeiro movimento é voltar a faca contra si mesma, mas a faca lhe cai das mãos. Ela se aproxima e contempla, encantada, o deus do Amor, e à cabeceira da cama avista o arco e a aljarva com as flechas. Psiquê toca as armas do deus e inadvertidamente se fere em uma das flechas, apaixonando-se irremediavelmente por Eros. Enlouquecida de paixão, ela beija lascivamente aquele corpo maravilhoso e acaricia a pele sedosa e perfumada, descuidando-se da lamparina, e deixando cair uma gota de óleo quente sobre o ombro de Eros, que imediatamente abre os olhos e, compreendendo a situação, levanta vôo. Psiquê se agarra à sua perna direita, mas não consegue acompanhá-lo, caindo em terra. Comovido, o deus interrompe o vôo e pousa no galho de um cipreste, de onde fala à amada, contando-lhe como desobedecera à própria mãe ao apaixonar-se por ela, lembrando os seus avisos sobre perigos e a promessa que Psiquê fizera de não transgredir a proibição de ver o seu rosto; e diz-lhe, "o teu castigo, será a minha ausência".

Psiquê não se conforma com sua desdita e se dirige ao rio próximo, em cujas águas se joga para morrer e por fim a esse tormento. Mas o rio não deseja ser cúmplice na morte da esposa do deus do Amor, pois ele saberia incendiar suas águas com o fogo da paixão, e delicadamente devolve Psiquê a um barranco. Em terra, ela avista Pan, o deus da natureza, com a ninfa Eco nos braços e pastoreando suas cabras, que a

exorta a dirigir-se a Eros e conquistá-lo com delicada submissão, "pois ele é um adolescente meigo e suave".

Entretanto, antes de iniciar sua busca pelo amor perdido, Psiquê executa sua vingança contra as irmãs. Visitando-as, sucessivamente, em seus reinos, diz a cada uma que seu consorte misterioso é Eros, deus do Amor, que a expulsou por sua transgressão e, especialmente, por estar apaixonado por sua irmã (aquela a quem visita, naquele momento), desejando compartilhar com ela sua riqueza. As duas irmãs caem no logro e, cada uma a seu tempo, acreditando que o vento Zéfiro as aguarda para levar ao palácio correm ao rochedo, de onde se jogam no abismo, despedaçando-se nas rochas mais abaixo.

Consumada sua vingança, Psiquê, retoma seu caminho em busca de Eros. Nesse ínterim, o deus se refugiara no castelo de Afrodite, gemendo de dor pela queimadura. A Grande Mãe se encontrava no fundo do mar, ocupada com inúmeras futilidades. Uma gaivota resolveu informar à deusa a situação de sua família, dizendo-lhe que Eros estava doente de paixão pela esposa e que não se viam possibilidades de cura para o seu mal, que toda a família da deusa sabia dos fatos e que estes já estavam na boca do povo; isso causara uma certa perda de dignidade, Afrodite perdera a boa vontade do povo, que se corrompeu. Tudo se tornara reles e vulgar... Afrodite ficou enfurecida com o relato da gaivota e retirou-se para o seu palácio dourado, dirigindo-se ao filho doente: "É essa a harmonia que existe em minha família? Tua mal-criação consiste em ter desobedecido às ordens da tua mãe, aliás da tua senhora, impondo-me uma rival? E eu, que faço agora, ridicularizada por todos, onde me esconderei? Mas a vingança é um consolo e, venha de onde vier, não a desprezarei. Psiquê terá de apaixonar-se irremediavelmente por ti e por nenhum outro." Afrodite precipitou-se porta afora do palácio, encontrando Deméter e Hera, a quem tentou convencer da justiça de sua ira e que tentaram acalmá-la, lisonjeando Eros por medo de suas flechas; irritada, Afrodite abandonou-as, retirando-se apressadamente para o mar.

Enquanto isso, Psiquê continuava sua triste peregrinação, buscando noite e dia pelo esposo. E, quanto mais desespero sentia Psiquê, tanto mais sequioso de amor ficava o ainda encolerizado Eros. Na sua caminhada, Psiquê avistou um templo no alto de uma montanha e para lá se dirigiu. Quando o alcançou, entrou e encontrou grãos e instrumentos de colheita espalhados e na mais completa desordem. Psiquê limpou e arrumou tudo com muito cuidado, pois não se deve negligenciar nenhum templo. Nesse

ínterim, Deméter se aproxima e se espanta de encontrá-la ali, cuidando de suas coisas, sabendo que Afrodite a procurava exigindo vingança. Jogando-se aos pés da deusa, Psiquê lhe suplica ardentemente que tenha piedade e conceda-lhe ajuda. Mas Deméter não ousa contrariar Afrodite e, embora comovida, diz a Psiquê para sair do seu templo e contentar-se com o fato de não retê-la nem mandar segui-la.

Triste e abatida, Psiquê retoma o caminho, descendo a montanha, e avista no vale, em meio ao bosque, um santuário construído com arte. Resolveu pedir misericórdia ao deus a que pertence o santuário, aproximando-se do pórtico sagrado, de onde vislumbrou seu interior repleto de maravilhosos presentes e ofertas de agradecimento. Entrando, Psiquê abraça de joelhos o altar ainda quente e suplica a Hera, a quem o santuário é dedicado, que a salve da queda e a liberte do sofrimento e do medo, se não por ela mesma, pelo filho que traz no ventre. Mas Hera, apresentando-se com toda a dignidade e majestade perante Psiquê, lhe diz que nada fará contra a vontade de Afrodite, a quem ama como a uma filha. Entrementes, no Olimpo, a Grande Mãe parte para o céu, dirigindo-se à corte de Zeus, que lhe concedeu a preciosa assistência do deus Mercúrio, ao qual pediu para anunciar pelo mundo inteiro a fuga de sua escrava Psiquê; feito isso, voltou diretamente para casa.

Desesperada com esse novo golpe contra sua felicidade e vendo malograr os esforços para encontrar seu amado, Psiquê desiste de toda esperança de salvação e tenta resolver-se, travando consigo mesma o seguinte monólogo: "Que outra ajuda podes esperar, se nem pudeste contar com a boa vontade das deusas? Presa nessa armadilha, para onde caminhar, ou em que escuridão queres te ocultar para fugires aos penetrantes olhares da grande Afrodite? Por que, Psiquê, não te resolves e desiste de todo e qualquer resquício de esperança, entregando-se voluntariamente à tua senhora? Quem sabe não encontrarás no castelo da mãe aquele por quem tanto procuras?"

Preparando-se para uma desastrosa rendição, Psiquê se dirige ao castelo de Afrodite, sendo avistada, quando estava bem próxima, por uma escrava cujo nome é Hábito. Embora Psiquê não lhe opusesse resistência, a escrava agarrou-a pelos cabelos, arrastando-a até a presença de Afrodite, que gargalhou ferozmente quando a viu; depois de estapear e sacudir Psiquê, a deusa entregou-a a suas criadas, Inquietação e Tristeza, para que a torturassem. Executadas suas ordens, as criadas trouxeram Psiquê de volta à presença de Afrodite, que a espancou da cabeça aos pés. Em seguida, fez um grande e único monte, misturando uma grande quantidade de trigo,

cevada, milho, grão-de-bico, sementes de papoula, lentilhas e favas, dizendo a Psiquê: "Parece-me que tu, criada inútil, só podes conquistar teu amante na medida em que trabalhares arduamente, e de nenhum outro modo. Separa, então, esse monte por espécies de grãos, e mostra-me a tarefa cumprida até a noite".

Vendo que a tarefa era inexecutável, Psiquê nem mesmo tentou executá-la, permanecendo imóvel, em silêncio. Mas uma formiguinha que passava por ali, sentiu pena da amante do deus do Amor e amaldiçoando a perversidade da sogra, convocou um batalhão de formigas para que estas viessem em socorro de Psiquê: "Tende piedade, ó criaturinhas ágeis da terra, mãe de todos, tende piedade da esposa do Amor, dessa adorável menina!" Trabalhando sem cessar, as formiguinhas separaram espécie por espécie, grão por grão, e depois de arrumarem tudo em montes separados sumiram rapidamente de vista. No início da noite, quando voltou, Afrodite encontrou o trabalho terminado e disse a Psiquê, com ódio: "Não se trata de trabalho teu, sua inútil, quem fez tudo foi ele, ao qual causaste uma desgraça e que ainda sofrerá mais por tua causa!"

Nessa noite, ignorando que estavam sob o mesmo teto, os amantes dormiram sozinhos e inquietos. Mal a aurora despontou, Afrodite chamou Psiquê e lhe disse: "Vês aquela bosque que acompanha as margens do rio? Por ali vagueiam ovelhas ferozes com o dorso coberto de flocos de lã de ouro. Creio que me trarás, custe o que te custar, um pouco dessa lã assim que a encontrares." Psiquê aceitou a ordem sem revidar, mas sua intenção era jogar-se nas águas tempestuosas do rio, para obter a paz depois de tanto sofrimento. Contudo, na margem do rio um simples caniço pede-lhe para não perturbar as águas com sua morte seria miserável, aconselhando que Psiquê aguardasse, debaixo de um plátano, até o calor arrefecer e as ovelhas se acalmarem, para então recolher, dos galhos das árvores do bosque, os flocos de lã dourada que ficam presos. Foi assim que o caniço salvou a vida de Psiquê, ensinando-a a agir através desse ardil e ela, após cumprir cuidadosamente e à risca as instruções, pode voltar para Afrodite com a tarefa cumprida.

Mas a deusa não se comoveu com o êxito de Psiquê e rindo, cinicamente, lhe disse: "Sei muito bem quem foi o mestre dessa ação! Mas agora vou tentar com empenho descobrir se tens de fato grande coragem e se és esperta. Vês, ao longe, o rochedo escorregadio da alta montanha? De lá rolam em cascata as águas que alimentam o Cocito e o Estinge. Lá chegando, sobe ao rochedo e enche a jarra com as águas espumantes da fonte mais alta". E deu a Psiquê um recipiente de puro cristal liso,

insultando-a quanto pôde. Apressando o passo, Psiquê procurou chegar logo à montanha, certa de conseguir pôr fim à sua infeliz vida. Chegando ao rochedo, ficou petrificada diante da dificuldade da tarefa: além de íngreme, o rochedo era escorregadio; as águas jorravam bem no meio de uma cavidade arremessando-se no abismo, correndo através de um canal estreito e encoberto pela vegetação; das margens, saíam os pescoços compridos de serpentes venenosas e até as próprias águas se protegiam, pois eram dotadas de vozes que diziam "sai daqui!", ou "que pensas fazer? Acautela-te!", e mais ainda "foge! Tu morrerás". A turbulência das águas assustou Psiquê, que teve seus sentidos adormecidos ante a imensidão dos perigos, ficando inerte. Mas aos olhos da Criação não escapou o tormento dessa alma inocente, e a águia real, a predileta de Zeus, resolveu socorrê-la em homenagem a Eros. Voando em direção a Psiquê, a águia tomou a jarra de cristal em suas garras, usando as asas fortes para passar entre os dentes e as línguas das serpentes. As águas estiveram de acordo, visto que a ave lhes disse que cumpria ordens de Afrodite e estava a seu serviço; isso facilitou-lhe a tarefa, e foi assim Psiquê pode retornar ao castelo com a jarra de cristal cheia do precioso líquido.

Também desta vez a raiva de Afrodite não se aplacou e com um sorriso sinistro a deusa deu-lhe outra tarefa: "Pega esta caixinha! Desce até o inferno e dize a Perséfone que eu lhe peço um pouquinho da beleza imortal, pois a que dispunha gastei cuidando do meu filho doente". Foi então que Psiquê compreendeu que seu fim estava próximo. E, sem mais delongas, dirigiu-se a uma torre muito alta, a fim de precipitar-se lá de cima, pensando ser este o caminho mais curto para chegar ao inferno.

Mas a torre, de repente, resolveu falar, dizendo: "Por que, pobre infeliz, queres te matar constantemente? E por que recuas ante essa prova derradeira e diante desse novo perigo? Ouve-me, por favor. Não muito longe daqui fica a entrada do inferno e através de portões sonolentos verás o caminho sem caminho ao qual terás de te entregar. Contudo, não te debes aventurar nessas regiões de trevas sem levar nas mãos dois pedaços de bolo adoçado com hidromel, e na boca duas moedas. Quando já tiveres percorrido parte do caminho, verás um asno coxo que puxa uma carrocinha de lenha conduzida por um condutor também coxo. Ele te pedirá ajuda mas prossegue teu caminho sem lhe responderes nada. Logo chegarás ao rio da morte. Serás abordada por Caronte, que te proporá a travessia do rio infernal em seu barco e ao qual pagarás com uma das moedas, que ele mesmo pegará. Quando estiveres em meio à travessia, um velho erguerá do fundo das águas as mãos podres e implorará para que o puxes

para bordo; não te deixes levar, porém, pela piedade ilícita. Do outro lado do rio, depois que tiveres andado parte do caminho, encontrarás umas velhas fiandeiras que te pedirão ajuda, mas não debes atendê-las pois não tens permissão para tocá-las. Tudo isso te aguarda e muito mais, e tudo são instruções de Afrodite para que deixes cair os bolos que levas nas mãos, pois um enorme cão monta guarda no sombrio átrio do inferno e com um dos bolos passarás com facilidade, chegando diretamente até Perséfone. Serás recebida pela rainha dos infernos com toda a gentileza, mas não aceites seu convite para sentar e partilhar de um lauto banquete; senta-te no chão e pedes apenas um pedaço de pão preto. Dize em seguida porque a procuraste, e depois de receber de Perséfone o que foste buscar, compra tua saída com o outro bolo, entregando-o ao cão de guarda. Dá ao barqueiro a moeda que guardaste e, depois que tiveres atravessado o rio regressando ao lugar de origem, voltarás acompanhada pelo coro dos astros. Mas em nenhuma hipótese debes abrir nem olhar para o conteúdo misterioso da beleza imortal contido na caixinha".

Desta forma, a torre deu a Psiquê o presente de sua clarividência. Sem demora, Psiquê pôs-se a caminho, cumprindo corretamente as instruções e regressando do mundo das trevas incólume. Já em plena luz, com pressa de terminar logo a execução da tarefa, seu espírito foi, no entanto, assaltado por grande curiosidade. E, então, disse para si mesma: "Sou uma tola mensageira que carrega a beleza imortal e nem sequer peguei um pouquinho para mim a fim de conquistar meu lindíssimo amante". E ao dizer isso, abriu a caixinha. Mas esta continha o sono estígio que, espalhando-se por toda a volta, se apoderou de todos os membros de Psiquê, prostrando-a no meio do caminho, imóvel como se estivesse morta.

Contudo, Eros já curado do ferimento e louco de saudade da sua Psiquê, escapuliu pela janela do quarto que lhe servia de cárcere e, num vôo rápido, aproximou-se nervoso de Psiquê. Cuidadosamente, colocou o sono letárgico de volta à caixinha e despertou a adormecida esposa com um leve toque da ponta de uma de suas flechas, dizendo-lhe: "Vê, aonde tua curiosidade quase te levou? No entanto, cumpre a missão que minha mãe te incumbiu com toda a tranquilidade e deixa o resto por minha conta". Com essas palavras, Eros entregou a Psiquê a caixinha com o presente de Perséfone para Afrodite, e levantou vôo com um movimento ágil de suas asas.

Apaixonado como nunca por Psiquê, Eros teme, contudo, a ira materna e se dirige a Zeus, no Olimpo, expondo sua causa e pedindo-lhe para ser seu advogado, ao

que Zeus responde: "Tu, Senhor Filho, nunca me homenageaste com a honra que todos os deuses me conferem, ferindo bastante este peito no qual são organizadas as leis dos elementos e a revolução dos astros; mas, levando em conta minha ternura e pelo fato de ter-te criado com minhas próprias mãos, te concederei tudo que pediste". Tendo falado, Zeus ordenou a Mercúrio que convocasse todos os deuses para uma assembléia, onde fez a seguinte exposição: "Deuses, conheceis de fato este jovem que eu mesmo eduquei; julgo que convém refrear para sempre as suas desregradas paixões, é chegado o momento de tirar-lhe todas as oportunidades de praticar a luxúria e aprisionar-lhe o temperamento lascivo nos laços do himineu. Ele escolheu uma donzela e roubou-lhe a virgindade; que fique com ela, que ela o conserve para sempre e que ele tenha Psiquê em seus braços por toda a eternidade".

E, virando-se para Afrodite, disse-lhe: "Quanto a ti, filha, não te perturbes com nada e não temas este casamento celebrado entre um deus e uma mortal. Farei com que tenham um casamento legítimo." E ordenou a Mercúrio que raptasse Psiquê da terra e a conduzisse ao Olimpo, indo-lhe ao encontro com uma taça de ambrosia, a bebida dos imortais, dizendo-lhe: "Bebe, Psiquê, e sê imortal. Eros jamais abandonará os teus braços, porquanto vosso casamento será perfeito".

Dessa forma, Eros casou-se com Psiquê segundo o ritual do Olimpo. No momento apropriado, nasceu-lhes uma filha, à qual chamaram Harmonia ou Volúpia.

"... no início do processo, a alma é a própria psique, ainda sintomática, ainda instável e desconhecida. E, no âmago de cada fascinação da alma, está a irresistível beleza daquela que é a mais bela de todas as formas criadas, Psique." Hillmann, O mito da análise

... aumenta um ponto

Eros é o amor personificado; em grego, conforme Brandão, "desejar ardentamente" (*éros*) significa com exatidão "o desejo dos sentidos"; Psiquê é a alma personificada; em grego, *psykhé* deriva do verbo "soprar, respirar", significando tanto "sopro" quanto "princípio vital". Assim, numa interpretação puramente etimológica, é possível dizer que o mito narra o encontro do desejo dos sentidos com o princípio vital.

Mas, desde que foi registrado por Apuleio, o mito de *Eros & Psiquê* vem recebendo "pontos" sob a forma de interpretações históricas, mitológicas e psicológicas. Por sua vez, o conto de Apuleio parece conter outros mitos, como, por exemplo o conto de fadas egípcio de Bata, que preservou o mito original de Ísis e Osíris, e poderia ser incluído na categoria de 'mito de origem', no sentido que lhe dá Eliade. Os estudiosos encontram evidências, especialmente por causa do final onde o autor descreve a procissão em honra a Ísis, de que Apuleio era um iniciado nos *mistérios* e sua obra esconde um tesouro místico sobre o padrão arquetípico da deusa (sobre este tema, ver **Perera**).

Em seu comentário sobre *Eros & Psiquê*, deuses protetores e merecedores de honrarias e culto nos dois mil anos da antiguidade clássica, von Franz (*in* Reflexos da alma) observa nos vários personagens femininos da obra de Apuleio a representação de Ísis, a Grande Deusa que luta para reencontrar o seu amado; porém, ao casal de *daimons* gregos corresponderiam aqueles conteúdos do inconsciente coletivo que Jung designou com as expressões *anima* e *animus*. O romance de Apuleio, escrito no final da antiguidade, é uma metáfora sobre o desenvolvimento da *anima*, que foi interrompido pela imposição unilateral do logos masculino representado pela mensagem cristã, sendo reencontrado somente na época das cantigas medievais. Agora, no mundo contemporâneo, o *daimon* Psiquê, com suas asas de borboleta, se reaproxima dos homens, sendo, nas palavras de von Franz, "finalmente entendido como o princípio de um amor que não suporta quaisquer motivos secundários egoístas e cujo objetivo é a individuação do homem, o que coincide com uma libertação de toda unilateralidade racional".

Neumann (1990) interpretou o mito de *Eros & Psiquê* como desenvolvimento da psique feminina. Para ele, quando abre a caixinha, Psiquê está disposta a entregar-se com todo o seu amor a Eros, em função de quem deseja permanecer eternamente bela, e é com a ação do divino esposo, que a desperta do sono estígio, que Psiquê completa o círculo das quatro tarefas impostas por Afrodite, um caminho tradicionalmente

percorrido pelos iniciados nos *mistérios* da antiguidade. Porém a Psiquê feminina não passou meramente pelos quatro elementos, como devem fazer os iniciados masculinos nos Mistérios de Ísis (a partir dos quais escreve Apuleio): ela tem que conquistar esses elementos, torná-los *seus* (grifo do autor) através de suas ações e sofrimentos, incorporando a sua energia como força auxiliar à sua própria natureza - as formigas, que pertencem à terra; o caniço, que pertence ao elemento aquático; a águia de Zeus, que pertence ao ar; e, finalmente, a figura ígnea e divina do próprio Eros redentor, o próprio fogo. Por fim, ao se apropriar da caixinha de Perséfone, Psiquê toma para si, como pessoa humana, o que pertencia aos arquétipos, às deusas; com isso, realiza um feito heróico, à semelhança do feito de Prometeu, que roubou o fogo do Olimpo (e foi punido com o tormento eterno, diferentemente de Psiquê, que será divinizada).

Psiquê se libertou, na visão de Neumann, das forças matriarcais que lhe deram o impulso para a revolta contra Eros, representadas pelas irmãs invejosas e insidiosas; por outro lado, ao escolher um caminho masculino, usando o punhal e o candeeiro, Psiquê perdeu a ajuda do feminino sendo recusada por Deméter e Hera, e torturada por Afrodite; somente com assistência de Pã, um deus da natureza de eros, pode sair vitoriosa das tarefas, e com ajuda do próprio deus do Amor alcançou a vitória final. Com suas três primeiras tarefas, Psiquê pôs em movimento as forças masculinas positivas da sua natureza, tomando conhecimento da sua existência; a partir disso, pôs conscientemente em atividade, seguindo os conselhos da torre, as forças que a ajudaram de forma inconsciente, libertando o próprio lado masculino (representado pela intervenção salvadora de Eros). Neumann entende que o episódio da acolhida de Psiquê no Olimpo, como esposa legítima de Eros, torna evidente, no mito, o desenvolvimento feminino e também humano naquela época: "Do ponto de vista feminino, isso significa que a capacidade individual de amar e a força da alma são divinas, e que o caminho da transformação do amor é um mistério que diviniza". Para ele, o fato de Psiquê ter dado à luz uma menina, *Volúpia* ou *Harmonia*, ressalta o aspecto feminino do processo narrado pelo mito, pois a psique é caracterizada como feminina, em homens e mulheres, como um círculo ou uma roda que contém em si os opostos. Assim, a ascensão de Psiquê ao Olimpo significaria que o princípio humano pode enfrentar o divino em igualdade de condições, e a união eterna dos dois amantes confirma que a ligação do humano com o divino, além de eterna, possui em si mesma a qualidade divina.

As interpretações de Bolen (1990) e Johnson também abordam o mito na perspectiva do feminino. Para Bolen, cada uma das tarefas impostas por Afrodite representa uma capacidade psicológica que Psiquê precisa desenvolver para alcançar um novo estágio no seu crescimento emocional; Psiquê assume a realização das tarefas motivada por sua descoberta do amor enquanto forma de relação que transcende às instâncias instintivas, e revela a divindade do ser humano. Com a primeira tarefa, deve aprender a confiar na intuição, na sua conexão com os instintos e através deles consigo mesma. "Classificar as sementes" é, nesta interpretação, uma tarefa interior que requer que a mulher olhe honestamente para dentro de si, peneire tudo através dos sentimentos, valores e motivos, e separe o que é verdadeiramente importante daquilo que é insignificante. A segunda tarefa, adquirir a lã de ouro sem ser destruída pelos carneiros, é uma metáfora para a necessidade da mulher de ganhar poder e permanecer uma pessoa compassiva, ou feminina; na terceira, a águia de Zeus, que vem em ajuda a Psiquê, simboliza a habilidade da mulher ver a paisagem de uma perspectiva distante e precipitar-se abaixo, para apoderar-se daquilo que está precisando; por fim, a descida ao mundo subterrâneo representa algo mais do que o tradicional teste de coragem e determinação do herói, porque Afrodite tornou a tarefa particularmente difícil ao tentar Psiquê com a sua "piedade ilícita". Assim, através das quatro tarefas Psiquê evolui, desenvolve capacidades e forças, enquanto sua coragem e determinação são testadas; no entanto, apesar de tudo que ela adquire (que representa a apropriação de um aspecto masculino, empreendedor), sua natureza básica e suas prioridades permanecem femininas: valoriza um relacionamento amoroso, arrisca todas as coisas por ele, e vence.

Para Johnson, o mito de *Eros & Psiquê* é um dos melhores disponíveis para explicar a psicologia feminina, e bastante atual. A história é vista não como uma demonstração da personalidade feminina, mas sim como ocorrência da feminilidade onde quer que ela se encontre, tanto no homem quanto na mulher, uma vez que, tal como mostrou Jung, geneticamente todo homem tem cromossomos e hormônios recessivos femininos e, do mesmo modo, tem um conjunto de características psicológicas femininas; e o mesmo é válido para a mulher (ver **Emma Jung e Sanford**). Essa é a interpretação de Johnson para o mito: a ingênua Psiquê, que não conhece o próprio esposo, se deixa enredar nas tramas de sua própria sombra, representada pelas irmãs invejosas; em decorrência, há uma "queda", ou mudança brusca de nível através da transgressão de um tabu. Porém, tendo orientado Psiquê para usar dois símbolos masculinos no ato de conhecer o marido, as irmãs tornam-se

mediadoras da transformação da própria Psiquê, que assume definitivamente seu amor por Eros. É assim que a mulher torna-se portadora da evolução para o homem, fazendo parte do papel feminino dar significado aos fatos da existência; por isso, nos ritos dos Mistérios de Elêusis, cabia às mulheres transportarem as tochas que iluminavam o interior da caverna, criando um cenário suavemente dourado para a formulação dos votos pelos iniciados.

O mito narra, nessa interpretação, uma história em que muito mais poderosa do que a paixão de Eros, o deus do amor temido por todos os outros deuses, é a paixão de um mortal movido pelo desejo: Psiquê representa o momento em que um ser humano encarou diretamente um deus e conseguiu sobreviver à poderosa energia do arquétipo. Traduzindo a história em termos psicológicos, Johnson coloca que certamente antes desse *momentum* na evolução da humanidade um mortal não poderia suportar uma experiência arquetípica e sobreviver a ela. Porém, com o ato de conhecer o deus que desposara, Psiquê o perde, e deve reconquistá-lo cumprindo as tarefas que lhe são impostas por Afrodite, libertando o próprio Eros de sua ligação inconsciente com a Grande Mãe.

Johnson interpreta a primeira tarefa como a representação da capacidade da mulher em discernir e organizar, supondo que talvez esse atributo de "selecionar sementes" faça parte da masculinidade interior da mulher, um eco de Eros; a segunda tarefa também representaria um aspecto do masculino a ser desenvolvido na mulher, sob a forma de coragem para se relacionar com o mundo exterior, pois para conseguir um pouco de lã de ouro Psiquê precisou encontrar em si própria valor, espírito de aventura e fortaleza; a terceira tarefa, de buscar água no rio da vida, mostra como a feminilidade deve relacionar-se com as infinitas possibilidades da própria vida, através da sua percepção difusa, e, contudo, escolher apenas aquela única; na quarta tarefa, o elemento masculino é representado pela torre, e Psiquê deve seguir sua orientação se pretende retornar viva do mundo subterrâneo. Mas ela desafia novamente uma proibição, abrindo a caixinha que contém o creme de Perséfone, e nesse instante movimentou Eros com a força do seu desejo, criando as condições para tornar-se sua legítima e divina esposa, sob as bênçãos de Zeus e Afrodite. O nascimento da filha de Psiquê representaria o momento em que a mulher alcança o seu desenvolvimento pleno e descobre que é uma deusa, trazendo à luz um elemento de prazer que se expressa também como alegria e êxtase e que se define, para Johnson, como uma

qualidade feminina: "Ser aquela que traz a alegria é o supremo privilégio da mulher, o ponto alto de sua evolução".

Por fim, há, também, a interpretação de Hillmann (1984), que coloca o mito de *Eros & Psiquê* no quadro mais amplo da existência de um *instinto criativo*, tal como proposto por Jung, que também o chamou de *impulso para a totalidade*, ou *impulso para a individuação*, ou *função transcendente formadora de símbolos*, em síntese, *impulso do si-mesmo para se realizar*. Somos impelidos a sermos nós mesmos, pois enquanto instinto o *criativo* é uma necessidade da vida e a satisfação de suas necessidades um requisito para a vida; nesse processo, o *criativo* se manifesta em cada ser humano com a coercitividade de um padrão biológico que percebe a si mesmo através de uma 'imagem primordial'; esse padrão simboliza o princípio feminino da criação da vida, ou *anima*.

Embora Jung tenha transmitido um conceito de *anima* como elemento contrassexual (o aspecto feminino da psique masculina), Hillmann defende que o arquétipo da *anima* transcende homens e mulheres, suas diferenças biológicas e seus papéis sociais; nesse sentido, entende que as representações da *anima* na mitologia referem-se a uma estrutura de consciência (grifo do autor), característica da espécie humana. No sistema vivente humano, a *anima* torna-se psique através do crescimento da alma que desperta, que faz uma escolha pelo seu amor e luta para realizá-lo, tal como Psiquê realizou as quatro tarefas por amor e para recuperar seu amado Eros. Nas palavras de Hillmann, "as conclusões que se impõem (...) são de que a anima torna-se psique através do amor e que é Eros quem engendra a psique (este grifo e os seguintes são do autor). Deste modo, chegamos a mais uma noção do criativo, desta vez percebido através do arquétipo da anima. O criativo é um resultado do amor. Ele é marcado pela imaginação e beleza, pela relação com a tradição como força viva e com a natureza como um corpo vivente. Esta percepção do instinto insistirá na importância do amor; para ela, nada pode ser criado sem amor e o amor se revela como origem e princípio de todas as coisas, como na cosmogonia órfica".

E é nessa perspectiva do despertar da alma adormecida através do amor, um tema recorrente na mitologia, no folclore, na expressão artística e nas experiências subjetivas, que Hillmann interpreta a história de *Eros & Psiquê*, traduzindo *Eros* por *Amor*. Ele toma como ponto de partida o aspecto *iniciático* da história, que a torna tão reveladora e valiosa para a transformação da consciência, ressaltando que este mito é

talvez a única narrativa que possuímos sobre a psique como tal, e defende a idéia de que a narrativa oferece uma descrição pormenorizada dos processos que se desenrolam entre eros e psique, podendo se constituir na peça central para uma abordagem do ser humano através do *criativo*. Nas suas palavras, "a substituição, nos grandes temas clássicos, de Édipo e do herói, por Eros e Psiquê, descreve por meio de metáforas a mudança arquetípica que está se verificando na psique e em seu campo, a psicologia. (...) Nosso mito retrata a interação entre eros e psique como um ritual que se realiza hoje entre as pessoas e no íntimo de cada pessoa (grifo do autor), isto é, não apenas na análise, mas na vida. A principal vantagem deste mito é que ele fala para todas as épocas e, portanto, também para a nossa, onde o amor é necessidade da alma e a psique é a necessidade de eros. Hoje sofremos e adoecemos por causa de sua separação. Este mito tem também a vantagem de ser igualmente válido tanto para o homem quanto para a mulher. É uma história de relacionamento entre os sexos, entre os opostos constituintes no interior de cada sexo e entre os sexos e os Deuses. E, além disso, é uma história de redenção, embora não exclua a tortura, o suicídio e Hades" (o reino de Perséfone).

Segundo Hillmann, o tormento da alma em sua relação com eros é um dos principais temas do mito de *Eros & Psiquê*; a psique sofre por amor e se transforma nesse processo, mas também eros é atormentado, atingido pelo seu próprio princípio, o fogo, e se transforma: ele, que queima toda a natureza com sua paixão, queima sozinho quando separado da psique. Para que a (re)ligação com eros se torne possível, a psique atravessa a noite escura da alma, e o sofrimento continua até que a obra da alma (as tarefas de Psiquê) se complete e a psique se reúna a um eros transformado. No mito, o sofrimento leva à redenção da alma, estando ligado aos rituais de iniciação e à mudança da estrutura de consciência, simbolizando as provações psicológicas e eróticas às quais somos lançados em nossas vidas pessoais. Quando essas provações são narradas por Apuleio podem ser tratadas com um espírito de confirmação e encorajamento, "pois, qualquer que seja a aparência, o que está ocorrendo é a conexão do eros criativo com a psique que desperta" (grifo do autor); e esse encontro provoca o nascimento do *Prazer*, pois este é o primeiro fruto de uma união psicologicamente criativa.

O final da história revela sua estrutura apriorística, reafirmando que eros e psique são regidos por poderes arquetípicos, que foram representados miticamente pelas figuras dos Deuses. Nas palavras de Hillmann, "... ambos, amor e alma, por fim e

desde o início, pertencem ao reino da realidade arquetípica. Esta lição psicológica dá uma qualidade impessoal ao opus criativo de fazer alma, na subjetividade de cada indivíduo. Não importa quão pessoalmente nós os sintamos como 'nossos', eros e psique são poderes arquetípicos que encontram sua 'morada' definitiva e originária quando colocados no local que lhes é próprio, como eventos transpessoais, que paradoxalmente formam a base da personalidade". E, como o mito é algo que aconteceu no 'tempo originário' mas se atualiza periodicamente, a história de *Eros & Psiquê* está sempre se desenrolando no interior e entre os seres humanos. Precisamente essa consciência mítica é o fruto da criatividade psicológica, o princípio da evolução biológica realizando-se através da cultura nas metáforas, gestos, movimentos e ritos que expressam os conteúdos simbólicos comuns a todos os seres humanos.

O que primeiro nos chamou atenção, no mito de *Eros & Psiquê*, foi a estrutura quaternária das tarefas impostas por Afrodite, pois o *quaterno* parece ser um símbolo apropriado para descrever a psique, conforme inúmeros estudos nas áreas da psicologia, da mitologia e da religião. Observamos, por outro lado, que as vivências para realização das tarefas poderiam ser conduzidas mediante o uso do modelo de uma sessão de Biodança, seguindo uma curva de progressividade e tendo um exercício principal, um 'ponto focal', que proporcionaria a vivência principal correspondente ao simbolismo de cada uma das tarefas. Os exercícios deveriam ser encadeados de modo a se alcançar um ritmo de trabalho que conduzisse à integração das sensações de atividade e repouso e das funções de consciência de si e regressão, promovendo a vivência do sentimento de ser único por sua identidade e de ser semelhante ao outro por sua vinculação genética. Essa vivência, por sua vez, deveria contribuir para uma mudança na estrutura da consciência homóloga àquela que o mito descreve para os dois amantes: a busca do amor através da criação da alma. Em quatro movimentos, quatro módulos sequenciais, as tarefas, simbolizadas pelos exercícios selecionados no Sistema Biodança, seriam vivenciadas no aqui e agora, com a celebração do casamento de eros e psique no interior de cada um e entre todos os participantes.

Tal como no modelo teórico da Biodança, dois eixos se cruzam para a vivência da narrativa mítica: o de eros, vertical, ascendente, descrito como masculino na abundante literatura sobre o deus e suas manifestações entre os homens, o arquétipo descrito por Hillmann (1984) como energia biológica que se manifesta no *instinto criativo*; o de psique, horizontal, ondulatório, descrito como feminino em prosa e verso, o

humano a quem cabe fazer a própria alma através do impulso para o amor. No campo de força produzido pelo cruzamento dos dois eixos, desenha-se um *quaterno* e nele as *linhas de vivência* podem dançar a vida, transformando situações e transmutando consciências, promovendo a profunda vinculação com a própria identidade e com a existência do outro, num universo orientado para a criação da vida.

O modelo teórico da Biodança é representado por dois eixos que se cruzam, sendo um vertical e o outro horizontal, e estabelecem um *campo de força* em cujo espaço se expressam as *linhas de vivência*; o eixo vertical, com movimento ascendente, representa o desenvolvimento dos potenciais genéticos do indivíduo, que luta durante sua existência para integrá-los em si mesmo e interagir adaptativamente com o meio ambiente; o eixo horizontal, com um movimento ondulatório entre os polos opostos e complementares da psique, consciência e inconsciência, representa a interação que provoca a energia necessária à expressão do *criativo* que experimenta e transforma(se). As *linhas de vivência*, em si mesmas fontes arquetípicas, se expressam com um movimento ao mesmo tempo ascendente e ondulante, e os exercícios criados por Toro ora facilitam a consciência de si (nas vivências de identidade), ora a conexão com a fonte de energia 'original' (nas vivências de regressão). Com o eixo vertical, identificamos o *tempo*, pois o potencial genético e sua expressão, na realidade concreta do sistema vivente humano, traz consigo a história da espécie e incorpora as inovações produzidas através do processo de evolução seletiva; a seta irreversível do tempo, entrópica e determinista enquanto natureza, é representada por eros e seu *locus* existencial, sendo partícula, é o corpo. No eixo horizontal, percebemos uma relação com o *espaço*, pois a identidade genética se expressa também mediante de símbolos que surgem espontaneamente, mas que somente adquirem significado através dos indivíduos de uma dada cultura; a possibilidade reversiva do tempo, negentrópica e sincronística, é representada por psique, e seu *locus*, sendo onda, é a alma.

E foi assim que encontramos nosso próprio "ponto" para o mito de *Eros & Psiquê*, a quaternidade, também abordada por Toro na oficina que criou e desenvolveu para a vivência dos quatro elementos. E através desse símbolo da psique, identificamos nova homologia, interpretando as tarefas como expressões para as quatro *funções psíquicas* postuladas por Jung, em seu aspecto de mediadoras entre o consciente e o inconsciente; pois, na narrativa, Psiquê oscila entre esses dois estados, ora demonstra assertividade ora permanece inerte. Formulamos, então, algumas correlações teórico-metodológicas: no eixo vertical (eros), o potencial genético, ponto

de partida para a identidade, foi associado à *função sentimento* e à tarefa de "selecionar as sementes", representando os processos biológicos mediante os quais o organismo toma decisões adaptadas à vida e que são a base para a liberdade de criação do próprio ser; a integração desse potencial genético numa identidade consciente de si foi associada à *função reflexão*, única que distingue os homens de outros animais, e à dupla tarefa de "ir ao inferno" e dominar a "piedade ilícita". No eixo horizontal, os pólos opostos da psique, ponto de partida para a ação no mundo, busca e o encontro com o outro; a tarefa de apanhar a "lã de ouro" dos carneiros selvagens foi associada à *função sensação* e interpretada como expressão da assertividade; e a de conter a "água da vida" na jarra de cristal, foi associada à *função intuição*, a capacidade de encontrar respostas através da conexão com a sabedoria interior e expressá-las com fluidez. A metáfora da quaternidade seria trabalhada através das cinco *linhas de vivência* propostas por Toro, dentro do quadro teórico-metodológico desenvolvido para o Sistema Biodança.

A *oficina* com o mito de *Eros & Psiquê* foi estruturada, então, em quatro módulos com três horas de duração, antecedidos por uma introdução que inclui uma vivência de iniciação ao mito e ao trabalho. As tarefas são cumpridas sequencialmente, tal como na narrativa mítica, mantidas as correlações com as *funções psíquicas* as quais, diferentemente da proposição de Jung, representariam *estágios* de desenvolvimento da psique (alma) na sua relação com eros (corpo). Na introdução, conta-se a história de Psiquê até o momento em que esta toma a decisão de se entregar a Afrodite; nesse momento, convidamos os participantes a se sentirem tal como Psiquê, temerosa mas decidida, disposta a enfrentar seu destino por amor a Eros, e os colocamos em roda, mobilizados pelas emoções induzidas pelas situações arquetípicas narradas pelo mito e potencializadas pela música (Tambores japoneses, Kitaro na Ásia). Todos nos sentimos Psiquê em nossos corações, cujo batimento entra em ressonância com a onda vibratória dos tambores, num crescendo que nos coloca, afinal, no palácio de Afrodite, frente a frente com a ira da Grande Mãe da Natureza.

O primeiro módulo, correspondendo à primeira tarefa que deve ser realizada por Psiquê, se desenvolve desde o sentimento de integração com o outro (sentimento tribal, de pertencer a um determinado grupo) até a consciência de si enquanto ser único e diferenciado (separar-se numa identidade única, individual). O exercício 'focal' é a *Dança da semente*, cujo simbolismo é assim descrito por Toro: "O processo de vida está contido na semente e se transmite através de milhões de anos. Em cada etapa

surgem novos brotos, novas capacidades. (...) O exercício de crescimento invoca uma vivência excepcional. Não se trata de 'representar' o desenvolvimento de uma pequena árvore. É a música (Finlândia, de Sibelius) que tem que impulsionar o crescimento, não nossa vontade. Temos que chegar a converter-nos em música e crescer desde as entranhas obscuras da terra até a luz e o alto. 'Algo' cresce dentro de nós".

O segundo módulo, ou segunda tarefa a ser realizada por Psiquê na *Oficina das Emoções*, busca desenvolver a consciência de si e da necessidade de encontrar os limites da própria identidade através de uma ação consciente. O exercício 'focal' é a *Dança do Tigre*, cujas características são assim descritas por Toro: "Reforça a identidade, aumenta a capacidade agressiva e a impulsividade; no terreno motor, promove a elasticidade e assertividade, a coordenação visomotriz, a disposição ao jogo e ao salto e à participação. Esta dança suscita a consciência do eu poderoso, vigilante e dono de si mesmo".

No terceiro módulo, a vivência se dirige, novamente ao indiferenciado, porém não mais enquanto sentimento tribal e gregário (tal como representado pelas formigas) e sim como emoção de conter a vida, de encontrar o seu sentido nos movimentos de fluidez da água e no encontro com o outro. O exercício 'focal' é a *Dança da serpente*, com características assim descritas por Toro: "Eleva a identidade e estimula a capacidade de sedução. No terreno motor: flexibilidade, capacidade de enlace e abraço, movimento sinuoso e concentração ou estado de alerta que lhe permite passar bruscamente da lentidão a uma extrema rapidez de movimento". A ajuda da águia de Zeus e o consentimento das próprias águas, que desejam servir a Afrodite, representam as oportunidades de crescimento de Psiquê, cujo principal mérito foi o de aceitar (entregar-se) as ajudas e permanecer fiel à sua determinação de resgatar sua ligação com Eros.

Por fim, Psiquê recebe ajuda da torre (um objeto cultural criado pelo gênio humano), assumindo sua identidade enquanto esposa de Eros, pelo qual enfrenta a ida ao mundo subterrâneo e o desafio à 'piedade ilícita'. Mas, mesmo seguindo os conselhos da torre, Psiquê é capaz de tomar suas próprias decisões e assim o faz, abrindo a caixinha de Perséfone e despertando Eros de sua ação passiva. Aqui, mais do que um exercício 'focal', pode-se falar em um conjunto de exercícios de identidade (que simbolizam a recusa de Psiquê em ceder à 'piedade ilícita' e aceitar a hospitalidade de Perséfone), seguido de exercícios para regressão que culminam com

o *Sopro no corpo do outro*, em duplas e com troca. Cada um, alternadamente, experimenta a si mesmo como o Eros transformado pelo amor, que desperta a sua Psiquê e lhe promete casamento eterno no Olimpo; e ao final, ambos dançam o encontro e celebram o *casamento sagrado*, mobilizados pela emoção e pela música (Bolero, de Ravel).

A estrutura de trabalho na *oficina com Eros & Psiquê* não reserva espaço para verbalização sobre as sensações deflagradas pela vivência, tal como previsto no modelo operacional para sessões com grupos regulares no Sistema Biodança. Nos três primeiros módulos, fora as questões necessárias sobre as reações orgânicas à vivência do módulo anterior, o espaço verbal é reservado para a narrativa de cada tarefa. Entretanto, antes da vivência da tarefa final do mito, que inclui a narrativa do episódio da celebração das bodas, pedimos aos participantes para colocarem verbalmente suas percepções sobre o processo vivenciado, de modo que possam enfrentar livremente sua própria 'piedade ilícita' e libertar, com a ajuda do outro, o potencial do eros que aguarda o encontro com a psique no interior de cada ser humano. Pois somente depois de termos realizado o *hierosgamos*, integrando o elemento masculino de eros (o corpo e suas funções biológicas) ao feminino da psique (a alma e suas funções psíquicas), estaremos preparados para o encontro com o outro. E, na presença do outro, caminharemos para nós mesmos, tal como Psiquê enfrentou o seu destino por amor a Eros.

COMENTÁRIOS FINAIS

Rolando Toro vem demonstrando, através da criação e desenvolvimento de oficinas como *Projeto Minotauro* e *Os Quatro Elementos*, as possibilidades terapêuticas do trabalho com a vivência dos símbolos arquetípicos, representados pelos mitos, no Sistema Biodança. Enquanto "sistema de integração afetiva, renovação orgânica e reaprendizagem das funções originárias da vida", a Biodança se traduz numa pedagogia da libertação do ser humano mediante a expressão da própria identidade, como parte da hierofania que manifesta e celebra a vida. E é nesse

processo libertador que se inserem as oficinas que , como tal, constituem um *espaço sagrado* onde essa pedagogia adquire um caráter especial, *iniciático*. E com a ajuda do grupo (Toro traduz 'terapia' como 'ajuda'), cada um dos participantes é *iniciado* em si mesmo, nos mistérios do mundo e nos surpreendentes segredos do universo - retorna a um *momentum* originário, que se poderia representar como eco do *Big-Bang* cósmico.

O Projeto Minotauro está baseado no arquétipo do labirinto: cada participante percorre o labirinto da própria existência, desafiando seus medos mais arraigados e integrando à consciência os processos instintivos através dos quais a vida se manifesta em todos os seres humanos. Os exercícios de desafio foram criados por Toro ao longo de quase trinta anos de estudos e a vivência ocorre em um clima de cerimônia - no aqui e agora celebra-se os mistérios da vida, iluminando o caminho de cada *iniciado*. O Projeto tem como finalidade proporcionar aos participantes a vivência da própria coragem para enfrentar a vida, das potencialidades que se encontram adormecidas na existência de cada um, da grandeza de saber-se humano e abrigar no seu corpo a luz de uma consciência que reflete sobre si mesma. Na oficina, predomina o clima de cerimônia e a cada participante é oferecida a oportunidade de enfrentar um desafio, que contará com toda a atenção e ajuda do grupo. Os desafios são propostos pelo facilitador a partir dos medos que o próprio participante indicou no esquema da "árvore relacional dos medos", criada por Toro. O facilitador deve estar atento ao grupo para promover, depois de alguns desafios, vivências de integração afetiva que possam harmonizar os participantes e diminuir o nível de estresse decorrente da vivência do desafio. Então, depois da harmonização, novamente o facilitador, no seu papel de mediador do Sagrado, convida novamente: "Atenção celebrantes! Preparar para o desafio..."

N'Os Quatro Elementos, Toro trabalha com a *quaternidade*, baseando-se na abordagem de Empédocles, que estabeleceu uma filosofia para os quatro elementos. Terra, fogo, água e ar, eram considerados permanentes mas poderiam se misturar em diferentes proporções, produzindo as substâncias complexas mutáveis que encontramos no mundo. Essas substâncias eram unidas pelo Amor e separadas pela Luta, tal como nos quatro elementos, há um ciclo: os elementos são misturados pelo Amor, mas a Luta aos pouco os desune; depois que a luta os separou, o Amor, gradativamente, torna a uní-los. Assim, toda substância composta é temporal, somente os elementos, juntamente com Amor e Luta, são eternos. A partir dessa visão arquetípica, Toro promove cerimônias de contato e celebração com os quatro

elementos, separadamente, com a participação de todo o grupo; depois, cada participante terá oportunidade de dançar a expressão de um ou mais de um elemento, ou a interação de alguns dos elementos, de modo a incorporá-los em sua própria vida.

As oficinas com o *Minotauro* e com os *Quatro Elementos* criam um *espaço* especial no Sistema Biodança, constituindo-se em dois momentos em que as pessoas são trabalhadas individualmente, com a ajuda do grupo mas não todo o grupo. Nas sessões com grupos regulares (de iniciação ou de aprofundamento), também ocorre os participantes serem convidadas à vivência da própria identidade com a ajuda de todo o grupo. Com essas oficinas, Toro introduz uma característica especial no Sistema Biodança, pois ambas se baseiam em diagnóstico, tanto do participante quanto do facilitador, mas transformam essas observações em vivências integradoras. Um ponto comum a ambas, é o destaque dado à estrutura cerimonial, um retorno aos ritos de iniciação da antiguidade, especialmente os Mistérios de Elêusis.

Por sua vez, o projeto *Oficina das Emoções* é uma proposta que se realiza através da vivência do próprio mito, com sua trama sequencial e seus personagens. Neste trabalho, não fazemos diagnósticos nem propomos desafios: a habilidade do facilitador consiste, especialmente, em conduzir os participantes à vivência tal como proposta pelo próprio mito. Em *Eros & Psiquê*, a primeira *oficina* criada no âmbito do projeto, os participantes são conduzidos à vivência das quatro tarefas impostas por Afrodite a Psiquê, como condição para reunir-se ao seu amado Eros, na hipótese de que sua vivência é necessária a todos os seres humanos como forma de realização do *casamento sagrado* no interior de cada um - a união dos elementos contrassexuais da *anima* e do *animus*. Através da narrativa mítica, da orientação das 'consignas' (introdução verbal aos exercícios do Sistema Biodança), da sequência e encadeamento dos exercícios com respectivas músicas, os participantes devem ser levados ao movimento primordial, ou 'original', quando os contrários ainda não haviam se separado.

O método de operar o Sistema Biodança na *Oficina das Emoções* é diferente daquele que Toro utiliza para o *Minotauro* e *Os Quatro Elementos*; entretanto, as três oficinas propõem a 'atualização' dos arquétipos correspondentes aos elementos míticos. Esse processo de 'renovação' do mito através da vivência, (re)conduz o participante ao papel de principal personagem de sua própria vida, fortalecendo sua identidade ao mesmo tempo em que desenvolve sua vinculação com a espécie. Somos todos iguais, nas emoções, nos desejos, na alegria e no sofrimento.

Através dessas abordagens, a Biodança retoma a experiência única da vivência como a base da renovação da vida, para religação com os arquétipos, tornando esses padrões *transbiológicos* ou transcendentais à própria expressão no organismo biológico. E a *Oficina das Emoções* continua. Com incentivo e apoio de Rolando Toro, criamos um trabalho para a vivência do mito de Narciso, uma metáfora para o nascimento e a transformação da consciência. Mas essa já é outra história...

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, M. Nazaré de C.P. Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987

BARÓN, Ernesto. Grécia, luz eterna; mitos gregos revelados. Rio de Janeiro: CEG, 1993

BARTHES, Roland. Mitologias. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 1987

BAHÁ'U'LLÁH. Os Sete Vales e Outros Escritos: a jornada de um peregrino em busca do Ser Eterno. São Paulo: Bahá'i do Brasil: Axis Mundi, 1992

BOLEN, Jean S. As deusas e a mulher; nova psicologia das mulheres. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990

_____. A sincronicidade e o tao. São Paulo: Ed. Cultrix, 1989

BRACE, C. Loring. Os estágios da evolução humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1973

BRANDÃO, Junito de S. Mitologia grega. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988

BRONOWSKI, Jacob. O senso comum da ciência. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1977

CAMPBELL, Joseph. As transformações do mito através do tempo. São Paulo: Ed. Cultrix, 1992

_____. A extensão interior do espaço exterior; a metáfora como mito e religião. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1991

CAPRA, Fritjof. Sabedoria incomum; conversas com pessoas notáveis. São Paulo: Círculo do Livro, 1993

CAVALCANTI, Raïssa. O casamento do sol com a lua; uma visão simbólica do masculino e do feminino. São Paulo; Ed. Cultrix, 1990

_____. O mito de Narciso; o herói da consciência. São Paulo: Ed. Cultrix, 1992

CHARON, Jean E. Eu vivi quinze bilhões de anos. Rio de Janeiro: AF Ed., [s.d.]

COVIAN, Miguel R. O problema cérebro e mente. Ciência Hoje, v. 10 n. 58, out. 1989

CREMA, Roberto. Introdução à visão holística; breve relato de viagem do velho ao novo paradigma; prefácio de Pierre Weil. São Paulo: Summus, 1989

DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. São Paulo: Ed. Cultrix: Ed. USP, 1988

EDINGER, Edward F. A criação da consciência; o mito de Jung para o homem moderno. São Paulo, Ed. Cultrix, 1987

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986

ENGELS, Friedrich. Transformação do macaco em homem. In: O papel da cultura nas Ciências Sociais. Porto Alegre: Ed. Villa Martha, 1980

FARJANI, Antonio C. A linguagem dos deuses; uma iniciação à mitologia holística. São Paulo: Mercuryo, 1991

FERNANDES, Áurea. A prática Social da Biodança. Brasília: [s.e.], 1993

FEUERSTEIN, Georg. A sexualidade sagrada. São Paulo: Siciliano, 1994

FILIZOLA, Mônica. Biodança: arquitetura interna do espaço humano. Monografia apresentada no 5o. Congresso Latino-Americano de Biodança, como requisito

parcial para obtenção do grau de Facilitador-Titular pela Associação Latino-Americana de Biodança (ALAB). Buenos Aires, 1994

FRANZ, Marie-Louise von. C.G. Jung: seu mito em nossa época. São Paulo: Ed. Cultrix, 1992

_____. A função inferior. **In:** A tipologia de Jung. São Paulo: Ed. Cultrix, 1990

_____. Reflexos da alma; projeção e recolhimento interior na psicologia de C.G. Jung. São Paulo: Ed. Cultrix: Ed. Pensamento, 1992

_____. A alquimia e a imaginação ativa. São Paulo: Ed. Cultrix, 1992

_____. Advinhação e sincronicidade; a psicologia da probabilidade significativa. São Paulo: Ed. Cultrix, 1987

FREEMAN, Walter J. Sobre el error de fijar el origen de la conciencia. Interciência, v.16 n.1, jan-fev. 1991

FREIRE, Isa. Conexão biocêntrica. Guia Ser Alternativo. Brasília, novembro, 1991

_____. Eros & Psiquê; a vivência de uma história de amor. Texto promocional. Brasília, 1992

_____. Arquétipo e mito; três abordagens no Sistema Biodança; entrevista com Almira Rocha, Titular-Didata (ALAB). Brasília, 1993

FREIRE, Isa & **REIS**, Sônia. Eros & Psiquê; casamento interior. Documento metodológico. Brasília, 1991

_____. Eros & Psiquê; casamento interior. Notas de trabalho. Brasília, 1992

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978

_____. Transição para a humanidade. **In:** O papel da cultura nas Ciências Sociais. Porto Alegre: Ed. Villa Martha, 1980

GOLDMANN, Lucien. Importância do conceito de consciência possível para a comunicação. **In:** O conceito de informação na ciência contemporânea; Colóquios Filosóficos Internacionais de Royaumont. Rio de Janeiro: Pas e Terra, 1970

_____. Estrutura: realidade humana e conceito metodológico. **In:** **Macksey**, R. & **Donato**, E. (Org.) A controvérsia estruturalista; as linguagens da crítica e as ciências do homem. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976

HILLMANN, James. Anima; anatomia de uma noção personificada. São Paulo, Ed. Cultrix, 1990

_____. A função sentimento. In: A tipologia de Jung. São Paulo: Ed. Cultrix, 1990

_____. O mito da análise; três ensaios de psicologia arquetípica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

JACOBI, Jolande. Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C.G. Jung; prefácio de C.G. Jung. São Paulo: Ed. Cultrix, 1986

JAFFÉ, Aniela. O mito do significado na obra de C.G. Jung. São Paulo: Ed. Cultrix, 1989

JOHNSON, Robert A. She; a chave do entendimento da psicologia feminina. São Paulo: Ed. Mercuryo, 1987

JUNG, Carl Gustav. O eu e o inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1987

_____. Sincronicidade. Petrópolis: Vozes, 1988

_____. Memórias, sonhos, reflexões. São Paulo: Círculo do Livro: 1991

_____. (org.). O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977

JUNG, Emma. Animus e anima. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991

LAKATOS, Eva M.. & **MARCONI**, Marina de A. Metodologia científica. São Paulo: Ed. Atlas, 1986

LARSEN, Stephen. Imaginação mítica; a busca do significado através da mitologia pessoal. São Paulo: Summus, 1991

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975

MINDELL, Arnold. O corpo onírico; o papel do corpo no revelar do si mesmo. São Paulo: Summus, 1989

MUSSOLINI, Gioconda (org.) Evolução, raça e cultura. São Paulo: Ed. nacional, 1978

NEUMANN, Erich. Amor e Psiquê; uma interpretação psicológica do conto de Apuleio; uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina. São Paulo: Ed. Cultrix, 1990

_____. História da origem da consciência. São Paulo: Ed. Cultrix, 1990

PERERA, Sylvia B. Caminho para a iniciação feminina. São Paulo, 1987

PESSIS-PASTERNAK, Guitta. Do caos à inteligência artificial; quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Ed. UNESP, 1993

PROGROFF, Ira. Jung, sincronicidade e destino humano; a teoria da coincidência significativa de C.G. Jung. São Paulo: Cultrix, 1989

ORNSTEIN, Robert. A evolução da consciência. São Paulo: Círculo do Livro, 1991

QUALLS-CORBETT, Nancy. A prostituta sagrada; a face eterna do feminino. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990

REIS, Sônia. Desenvolvimento humano pela Biodança; estudo de casos de acesso à identidade saudável. Monografia apresentada no 2o. Congresso Internacional de Biodança, como requisito parcial para obtenção do grau de Facilitador-Titular pela Associação Latino-Americana de Biodança (ALAB). Fortaleza, 1992

_____. Biodança: expressão da identidade. Brasília: [s.e.], 1993

ROCHA, Almira. Os quatro elementos; entrevista concedida a Isa Freire. Brasília, jun. 1993

SANFORD, John. Os parceiros invisíveis; o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986

SHARP, Daryl. Tipos de personalidade; o modelo tipológico de Jung. São Paulo: Ed. Cultrix, 1990

SHININI, Mirta & **FREIRE**, Isa. Eros & Psiquê. Notas de trabalho. Brasília, 1991

SINGER, June. Androginia; rumo a uma nova teoria da sexualidade. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991

TALBOT, Michael. O universo holográfico. São Paulo: Círculo do Livro, 1991

TORO, Rolando. Projeto Minotauro; abordagem terapêutica do Sistema Biodança. Petrópolis: Vozes, 1988

_____. Biodanza. Buenos Aires: Asociación Argentina de Biodanza, 1986

_____. Teoria da Biodança; coletânea de textos. Fortaleza: Ed. ALAB, 1992

TORO, Rolando & **ROCHA**, Almira. Os quatro elementos. Documento metodológico. [s.l.], [s.d.]

VEYNE, Paul. Acreditaram os gregos nos seus mitos ? Lisboa: Edições 70, 1987

WHITMONT, Edward. O retorno da deusa. São Paulo: Summus, 1991

_____. A busca do símbolo; conceitos básicos de psicologia analítica. São Paulo: Ed. Cultrix, 1990

Apêndice

"... a situação atual representa um novo ponto ainda mais espetacular no desenvolvimento do nosso planeta: o ponto crítico no qual o processo evolutivo, agora corporificado no homem, pela primeira vez se torna consciente de si mesmo, estuda as leis de seu próprio desenvolvimento e vislumbra, ainda que confusamente, as possibilidades de conduzi-lo ou controlá-lo no futuro. Em outras palavras, a evolução está na iminência de se tornar internalizada, consciente e o guia de si mesma." J. Huxley

O processo evolutivo in Mussolini (org.)

BIODANÇA: A DANÇA DA VIDA

Por *Rolando Toro*
criador da Biodança

Biodança, mais do que uma ciência, é uma poética do encontro humano, uma nova sensibilidade frente à existência. Sua metodologia promove uma sutil participação no processo evolutivo.

Em busca de uma reconciliação com a vida, chegamos finalmente ao 'movimento primordial', a nossos primeiros gestos. Biodança realiza, assim, a restituição dos gestos humanos naturais; sua tarefa é resgatar o segredo perdido de nós mesmos: os movimentos de conexão.

O primeiro conhecimento do mundo, anterior à palavra, é o conhecimento pelo movimento. A dança é, portanto, um modo-de-ser-no-mundo, a expressão da unidade orgânica do homem com o universo. Esta noção da dança como movimento integrativo é muito antiga e tem, através da história, numerosas

expressões culturais, tais como as danças órficas, as cerimônias tântricas ou as danças giratórias do sufismo.

A dança é um movimento profundo que surge do mais íntimo do homem. É movimento de vida, é ritmo biológico, ritmo do coração, da respiração, impulso de vinculação à espécie, é movimento de intimidade. A dança é, portanto, a celebração de nossa comunidade com os homens e de nossa legítima alegria de viver. Cada pessoa, mesmo sem estar consciente disso, está dançando sua vida.

Deste ponto de vista, pensei que era indispensável reencontrar a força positiva que faz crescer e desenvolver-se aos organismos. Isto é, os movimentos que permitem a evolução. A finalidade da Biodança, desde este misterioso aspecto, seria adaptar-se ao movimento cósmico, reciclar a Harmonia Geradora.

Creemos numa dança orgânica, que responda aos padrões de movimento que originam vida. Temos buscado essa coerência e a temos encontrado. Movimentos capazes de incorporar entropia negativa, padrões geratrizes, harmonia musical entre seres vivos, ressonância profunda com o micro e macrocosmos.

Participamos, assim, de uma visão diferente. Buscamos acesso a um novo modo de viver, despertando nossa sensibilidade adormecida. Sabemos que a consistência existencial não pode vir de uma ideologia, senão das vivências em ação. Nossa finalidade é ativar, através da dança e exercícios de comunicação em grupo, profundas vivências harmonizadoras.

Biodança não propõe um padrão de comportamento. Cada indivíduo, ao vincular-se consigo mesmo em um processo de integração e ao desenvolver uma consciência comunitária, oferece seu próprio padrão genético de respostas vitais. A liberdade individual se postula aqui como forma adequada de um desenvolvimento interior de potencialidade inatas. Liberdade e desenvolvimento são sinônimos.

Biodança, portanto, não pode considerar-se uma ciência do comportamento, no sentido de provocar modificações de conduta em relação a determinados valores culturais. É, mais apropriadamente, um sistema de integração e desenvolvimento.

O próximo salto evolutivo da espécie humana será o despertar da consciência coletiva, ou seja, o estabelecimento dos circuitos ecológicos entre os membros da nossa espécie. Este fenômeno de integração intraespécie, sobre a qual chamou atenção o biólogo Von Uexkull, deve colocar-se dentro de uma visão organicista em que a espécie é o organismo e o indivíduo é o órgão. O ponto de partida biológico permite compreender a relação entre esse processo de integração e o Universo como Organismo Maior.

O despertar da consciência cósmica e o restabelecimento dos circuitos ecológicos com o universo são concomitantes com o despertar da consciência coletiva. Nossa finalidade é alcançar a esse estado de plenitude em que cada indivíduo dirige sua própria evolução, com intensa e magnética força seletiva,

através de formas de ação que reforçam seu desenvolvimento, que o integram a si mesmo, à espécie e ao cosmos.

A função de conexão à vida é uma das mais evoluídas que pode alcançar o homem. Sendo a função primordial que permite a existência mesma da vida, deve chegar, através de um longo processo de maturação interior, a ser uma atitude consciente, desde onde se inicia de novo o contato com o primordial.

Tanto a planta quanto o animal possuem a função de conexão à vida. A pulsão instintiva guiada por tropismos e afinidades, permite-lhes uma ligação altamente precisa com todas as manifestações de vida que a rodeiam, como se uma sabedoria milenar fluisse nas raízes para orientá-las até as fontes nutritivas da terra; como se o animal na brisa farejasse as energias, os chamados, os sinais de vida. O homem, não obstante, perdeu, por um lento processo de degradação instintiva, a função de conexão à vida, a qual se encontra quase totalmente atrofiada.

Em Biodança a função de conexão à vida se treina dentro de três níveis:

a) Conexão consigo mesmo

Na posição geratriz de intimidade, de abraço a si mesmo, de proteção da chama interior, do doce tremor de vida que se alenta no peito, está-se em íntimo recolhimento e na profunda felicidade de ser o continente da própria identidade. A vivência desta conexão pode ser tão intensa que se alcança o estado de êxtase: felicidade suprema durante a qual se intensifica a consciência de estar vivo e de ser 'único'.

É a conexão à vida na unidade primordial.

b) Conexão com o semelhante (a espécie)

Duas identidades diferentes transformaram-se em uma identidade maior. A função de conexão alcançou o estado de dualidade, o estado de complementação dos opostos, a perfeita harmonia do yin e yang, a unificação na dualidade.

As danças de amor constituem o encontro de duas solidões que descobrem, na presença do outro, uma comunhão plena de sentido.

c) Conexão com o Universo

Quando as identidades separadas formam uma identidade maior, surge o terceiro estado, a presença de uma energia nova; a conexão à vida em trindade.

As mãos unidas em uma roda de comunicação pertencem a um nível de conexão em trindade. Uma vivência de conexão com o anônimo, com a vida originária. Um sentimento de fluir em uma totalidade cósmica, sem rosto, sem limites, sem tempo; de abandonar-se à pulsação originária da vida, anterior ao nascimento do eu.

O grupo compacto de conexão anônima dissolve as identidades particulares e conecta a cada um com todos e com tudo. Por este caminho se alcança o transe e o êxtase, que é a vivência de ser vida palpitante num universo pleno e sem limites.

Em nosso modo de ver, a vida tem uma qualidade sagrada e tem sido a patologia das civilizações que separou os atos sagrados dos atos profanos. Esta patologia terminou por dessacralizar a vida cotidiana e carregar de conteúdo transcendente os rituais obsessivos que surgiram para escapar do pavor cósmico.

Neste ponto é indispensável a meditação sobre o Sagrado. A hierofania é a manifestação do Sagrado, absolutamente fascinante e absolutamente terrível.

Creemos que a expressão da vida através das criaturas é a maior hierofania. A cegueira frente à percepção da condição sagrada da vida, perturbou as formas de vinculação com o cósmico. Através do processo histórico no qual surgiram as religiões, se produziu uma clara demarcação entre o sagrado e o profano, assim também as danças e os gestos foram diferenciados entre sagrados e profanos.

A claridade do Princípio Biocêntrico em Biodança, que reconhece na vida a maior hierofania, é o que a distingue essencialmente de qualquer religião e também de qualquer psicoterapia. É do Princípio Biocêntrico de onde há que extrair a qualidade transcendente do homem. A sacralização do homem é o que dá a sua vida, a seu amor, a sua sexualidade e a suas criações, a qualidade do transcendente. Desde o Princípio Biocêntrico se organiza a vida como convivência e coexistência com o divino.

Denominei Princípio Biocêntrico a uma estilo de sentir e de pensar que toma como ponto de partida e como referência existencial a vivência e a compreensão dos sistemas viventes.

Tudo quanto existe no universo, sejam elementos, astros, plantas ou animais, incluindo o homem, são componentes de um sistema vivente maior. O Universo existe porque existe a vida, e não o contrário. As relações de transformação matéria-energia são graus de integração de vida.

De acordo com o Princípio Biocêntrico, o universo é um portentoso sistema vivente. A vida não surgiu como uma consequência de processos atômicos e químicos, senão que é a estrutura guia para a construção do universo. A evolução do universo é, em realidade, a evolução da vida. A entropia, como desgaste dos níveis energéticos desde o estado térmico, não é senão o aspecto escatológico do mundo; em outras palavras, a função catabólica de qualquer sistema vivente. A anti-entropia, é o processo anabólico do universo, a anabasis cósmica.

A partir do Princípio Biocêntrico troca-se a estratégia de mudança existencial. Os parâmetros de nosso estilo de vida são os parâmetros da vida cósmica. Isto quer dizer que nossos movimentos, nossa dança, se organizam

como expressões de vida e não como meios para alcançar fins antropológicos, sociais ou político-econômicos. Nossos movimentos se geram no sentido nutrício do processo evolutivo, para criar mais vida dentro da vida. Para resgatar vida ali onde está oprimida. Se as condições sociais e culturais são antivida, nossa proposta é a mudança desses sistemas, não a partir de ideologias ou ações políticas, senão restabelecendo em cada momento, com nossa própria vida, as condições para nutrição da vida. Não nos interessa, portanto, a consistência ideológica de um homem, senão sua consistência afetiva, o exercício do movimento-amor.

Através do Princípio Biocêntrico, chegamos finalmente aos movimentos originários que geram vida e às primordiais percepções de vinculação da vida com a vida.

O estudo dos sistemas vivos nos mostra um tipo de funcionamento muito complexo em que múltiplos fatores criam, em cada momento, soluções novas, apropriadas à situação deste instante. Para conservar o equilíbrio funcional, o organismo deflagra reações em cadeia, adaptativas às mais diversas situações biológicas. Nos organismos vivos e, em especial, no organismo humano, as soluções não estão definitivamente programadas, se bem que a determinação genética propõe caminhos de solução altamente específicos. Só é possível visualizar o processo auto-organizativo mediante o pensamento sistêmico, quer dizer, através da percepção unitária dos subsistemas comprometidos dentro de um sistema maior.

Analisaremos alguns princípios fundamentais, que são válidos para a compreensão dos seres vivos e que se orientam desde a teoria geral do vivente. Estes princípios surgem dos sucessos no terreno da Biologia Genética, da Ciência da Evolução, do estudo comparado das estruturas morfológicas, da Teoria de Sistemas de Regulação, do estudo bioquímico da memória e outros.

1. Filiação bioquímica comum dos seres vivos

Os constituintes químicos de todos os seres vivos são os mesmos, tanto para uma ameba como para um ser humano. Estes constituintes são invariantes e de número limitado: 20 aminoácidos (para as proteínas) e 4 tipos de nucleotídeos (para os ácidos nucleares). Este descobrimento da Biologia fundamenta, de uma maneira incontestável, a unidade do reino vivente, a ineludível vinculação que temos os seres humanos com todos os seres vivos.

2. Invariância reprodutiva

Jacques Monod definiu esta característica dos seres vivos como "a capacidade de reproduzir uma estrutura de alto grau de ordem". O conteúdo da informação genética de cada espécie, transmitida de geração em geração, garante a conservação da norma estrutural específica.

Cada espécie tem um projeto que corresponde a determinada quantidade de informação, que deve ser transferida, para que as estruturas orgânicas desta espécie cumpram suas performances. Este fato é o que determina a forte

estabilidade de cada espécie dentro de um padrão específico. Nos organismos pluricelulares, cada célula possui a totalidade da informação genética. esta reiteração ('redundância') assegura os processos de renovação permanente e a conservação do organismo.

3. Teleonomia

Os seres vivos realizam um projeto que deve expressar-se em diversas performances. Os diversos órgãos e sistemas do organismo cumprem projetos particulares que formam parte de um projeto primitivo único: a conservação da espécie e sua multiplicação.

4. Evolução seletiva

Os organismos vivos cumprem linhas evolutivas diferentes, de acordo com as condições do ambiente. Podemos dizer que o ambiente é a estrutura do azar. Enquanto algumas espécies se mantêm durante milhões de anos dentro do mesmo padrão estrutural, como os insetos ou as ostras, outras se modificam e aperfeiçoam suas performances biológicas. Há também espécies que fracassam em seu processo adaptativo e se extinguem.

A evolução seletiva é, ao lado do processo tecnológico, uma opção maravilhosa para os seres humanos.

A "estrutura seletiva" individual conecta com o ambiente mediante mecanismos de afinidade e rejeição, em uma dupla pulsação orgânica. Esta estrutura seletiva, bastante estável e gerada em parte pela aprendizagem, determina, em amplo espectro, as relações do indivíduo com seu meio.

5. Diferenciação

Dentro da forte estabilidade morfológica das espécies, nos surpreende, não obstante, sua enorme diversidade. Os processos de diferenciação evolutiva constituem uma das mais extraordinárias expressões da condição criadora da vida.

Não apenas uma espécie se diferencia de outra, senão que cada indivíduo da mesma espécie apresenta fortes características diferenciadas que o convertem em um indivíduo único, em um exemplar biológico singular. As variações individuais dentro de cada espécie, se produzem por hibridação, vale dizer, pela recombinação resultante do "fluxo genético" promovido pela sexualidade. Os casos de mutação são extraordinariamente frequentes, porém são muito poucos os que se perpetuam e assimilam, devido à forte coerência e estabilidade teleonômica.

O processo de diferenciação individual (ontológico), se acentua violentamente de acordo com as possibilidades de desenvolvimento disponíveis no meio ambiente e pela seleção operada sobre os produtos do azar. (Nesse contexto) O desenvolvimento do potencial humano pode ser extraordinariamente estimulado por sistemas de desenvolvimento e integração.

A diferenciação evolutiva individual se produz pelo reforço e refinamento de certos impulsos do potencial humano. Esta diferenciação gera sistemas homeostáticos mais eficazes e vivências de harmonia e plenitude.

6. Memória

Um dos fenômenos mais surpreendentes dos organismos vivos constitui o processo de codificação, decodificação armazenamento e evocação de informações. Estas informações se estruturam quimicamente através do ácido ribonucléico. Toda aprendizagem é sempre uma modificação bioquímica do organismo. Existe aprendizagem cognitivo-operacional, emocional-afetiva e visceral. O instinto pode considerar-se a memória da espécie, uma expressão teleonômica destinada a preservar a vida.

7. Auto-regulação

Os seres vivos são sistemas auto-regulados e suas funções automáticas se baseiam na perfeição de seus mecanismos de retroalimentação. Os sistemas homeostáticos considerados, em sentido amplo, como mecanismos de equilíbrio interno encarregados de conservar a unidade intraorgânica, são de altíssima precisão.

Nos mamíferos superiores, e em especial no homem, existem sistemas que não são auto-regulados, que a miúdo interferem gravemente na unidade funcional. De alguma maneira, a autonomia do homem, sua liberdade e capacidade de auto-eleição, põem em alto risco sua sobrevivência. A desordem das regulações ecológicas, produzida pela civilização, é um exemplo desse fenômeno.

8. Impulso a integrar unidades cada vez maiores

O ser humano manifesta desde criança o impulso a transcender os limites restritores do seu ambiente. Rompe, assim, os padrões convencionais e busca integrar totalidades cada vez maiores, em uma espécie de afã de transcendência, de expansão sem limites na totalidade, impulso que culmina na Experiência Cósmica. Nesses estados de fusão com a totalidade, entram em atividade as áreas mais amplamente evoluídas do cérebro e também as mais arcaicas. O sentimento de alegria preter-natural, a qualidade noética e o êxtase caracterizam esta experiência.

9. Ressonância permanente com a origem

Se tem observado em alguns animais e também no homem, períodos regressivos que se sucedem com períodos de crescimento e maturidade. No homem, o impulso de regressar às origens tem sido observado pelos antropólogos nas tribos primitivas.

O "Eterno retorno" é uma conduta registrada arquetipicamente nos mitos de renascimento e nas festividades agrícolas. A tendência a voltar à ordem primitiva ('original') e reciclar os padrões biológicos originários, é uma constante

em todos os povos. As cerimônias de transe e renascimento são manifestações deste impulso.

10. Aparição da identidade

Um dos processos mais evoluídos dos seres vivos, é a aparição da identidade, quer dizer, da consciência de si mesmo e a percepção comovedora de estar vivo.

A meditação sobre o processo de Identidade está, atualmente, em plena elaboração, apesar de sua descrição filosófica ter mais de 2.500 anos de antiguidade.

A consciência de si mesmo como ser diferenciado, é solidária da consciência da identidade dos objetos, tal como foi proposta por Piaget.

Sem dúvida, a função da consciência tem uma raiz biológica e se estrutura sobre um fundo bioquímico, em que a percepção se organiza à base de padrões reproduzidos em espelho, como se o mundo exterior encontrasse réplicas bioquímicas no organismo vivo e este organismo pudera funcionar frente a essas réplicas. Desde ali se geram infinitos planos potenciais de decisão e ainda mais, o mais ambicioso e ousado de todos os propósitos: o autocontrole do processo evolutivo.

A face mais misteriosa da evolução da vida se relaciona com a tomada de significação do indivíduo frente a seu semelhante, quer dizer, que a consciência, por um processo desconhecido, percebe a ressonância ancestral, descobre sua íntima relação com a matriz cósmica através de uma ressonância empática com outros seres vivos. Assim, o sentimento de comunhão humana pode constituir, talvez, o eixo secreto de um inconcebível processo evolutivo.

11. Simbiose e Identidade

Frente à simbiose biológica, se colocam interrogações profundas com relação à identidade. Para que se produza simbiose é necessário que o hóspede desenvolva em si mesmo mecanismos eficazes para escapar dos mecanismos de destruição do hospedeiro.

A simbiose biológica se apresenta em toda a escala zoológica, desde os microorganismos até organismos superiores. O mecanismo de adaptação simbiótica é muito diferente nos diversos casos. Não obstante, o resultado biológico é uma otimização dos mecanismos adaptativos e de sobrevivência.

Interessa-nos colocar ênfase em que a simbiose é um mecanismo essencialmente ecológico, quer dizer, que enquanto aumenta a qualidade dos circuitos ecológicos entre dois organismos, no sentido de assegurar a unidade orgânica e a sobrevivência, a simbiose representa um fenômeno evolutivo.

Os seres vivos apareceram sobre a terra há uns 4.000 milhões de anos. Desde então, a informação genética se foi adicionando à anteriormente

existente. À medida em que a informação genética aumentou, os seres vivos puderam realizar novas funções e aumentaram também sua complexidade. Isto de traduziu, geralmente, em um aumento de autonomia com relação ao meio e à sua própria programação.

O próprio conceito de evolução implica uma hierarquização dos seres vivos desde formas de organização inferiores até outras cada vez mais aperfeiçoadas. Não é fácil afirmar que houve um progresso através do tempo, desde a ameba até o homem. A mudança evolutiva não é, necessariamente, progressiva.

Ayala define progresso como "mudança sistemática em pelo menos uma característica pertencente a todos os membros de uma sequência histórica, de tal forma que os membros mais próximos do fim da sequência apresentem um 'aperfeiçoamento' da característica em questão". O progresso biológico não requer que o aperfeiçoamento seja ilimitado. O progresso exige uma melhora gradual dos membros de uma sequência, mas o índice de progresso pode decrescer com o tempo.

Que critérios se utilizaram para definir o progresso biológico ?

Os distintos critérios propostos para definir a noção de progresso biológico, se caracterizam por serem excessivamente redutivos ou tão diversificados que impossibilitam o estabelecimento de um parâmetro unificador. Em minha opinião, um critério extraordinariamente unificador seria o Nível de Autonomia.

Autonomia seria a organização de um sistema independente dentro de um sistema maior, capaz de realizar ações diferenciadas conservando uma perfeita integração com o sistema maior. Um sistema autônomo possui uma unidade diferenciada dentro da unidade do sistema a que pertence.

Os sistemas viventes poderiam ordenar-se considerando os níveis de autonomia, desde os mais simples até os mais complexos:

1. Auto-reprodução. (Autonomia fechada do código genético.)
2. Sistemas de resposta por excitabilidade celular (fototropismo, geotropismo, heliotropismo, quimiotropismo). (Autonomia aberta a diversos níveis de estimulação.)
3. Autonomia imunológica (imuno-reação).
4. Sistemas sensório-motrízes. (Autonomia em ambientes diversificados e com respostas adaptativas amplas.)
5. Auto-regulação neurovegetativa (sistemas autônomos viscerais).
6. Comportamento motivado. Respostas instintivas moduladas pelo sistema límbico. (Autonomia dos impulsos.)

7. Auto-consciência. Comportamento não auto-regulado. (Autonomia da consciência.)

8. Auto-assertividade. Auto-regulação consciente do comportamento, em função de seus efeitos . (Autonomia de propósitos e decisões.)

9. Auto-transcendência. (Autonomia para vincular-se com a totalidade.)

A harmonização de cada subsistema entre si e com a totalidade determinaria o nível de complexidade dos mecanismos autônomos frente às condições externas ou internas. Nesse critério, os micro-organismos que entraram em simbiose nas células eucarióticas, originando as organelas citoplasmáticas e outros exemplos, desenvolveram mecanismos eficazes para escapar aos sistemas de destruição do hospedeiro.

Plantas e bactérias, cujo tropismo responde a diversos estímulos luminosos, químicos, táteis ou gravitacionais do meio ambiente, ocupariam um segundo nível na escala de autonomia.

Celenterados e radialários ocupariam um terceiro nível.

No quarto nível estariam peixes, aves com sistema nervoso organizado e funções sensório-motoras complexas.

No quinto, estariam os mamíferos com sistemas de regulação e autonomia altamente diferenciados e com conduta programada, que permite, não obstante, diversificação das respostas externas e internas frente ao meio ecológico.

O nível seguinte, de auto-assertividade, se dá no homem, que é capaz de vigiar, controlar e corrigir seus padrões de resposta.

O sétimo nível, da auto-consciência, é um nível altamente diferenciado humano, em que o indivíduo toma contato com zonas profundas de sua identidade.

O último nível estaria representado pela auto-transcendência e se dá em muito poucos indivíduos do gênero humano. Sua autonomia é tal, que podem tomar em suas mãos o próprio processo evolutivo, no sentido de alcançar uma otimização da integração do sistema vivente ao cosmos.

Aparentemente, três sistemas asseguram o aperfeiçoamento do nível de autonomia:

a) o sensório-motor de alta eficácia, cujos circuitos de retroalimentação são de extraordinária plasticidade e precisão. Isto permite uma grande independência dos padrões de resposta frente ao meio.

b) o sistema imunológico, destinado a preservar a identidade biológica, diminuindo o risco frente aos perigos do meio ambiente. Investigações recentes utilizam como critério evolutivo a complexidade do sistema imunológico.

c) o terceiro fator de autonomia parece ser a consciência do semelhante, através de um mecanismo de identidade. Este processo é o que dá ao homem a força expressiva, autônoma e criativa.

A diferenciação das espécies durante o processo evolutivo, vai separando as características de determinados grupos e purificando linhas estruturais através dos séculos. Uma situação completamente excepcional sucede com o homem, em quem a programação inclui as mais diversas opções e esquemas presuntivos de desenvolvimento. Na opinião de Huxley, a evolução humana não tem as mesmas características de desenvolvimento divergente que possuem as outras espécies, caracterizando-se por um desenvolvimento multidimensional, criando verdadeiras redes de opções de expressão. A evolução humana seria mais 'reticular' e de extensões imprevisíveis. Os potenciais genéticos, em seus caminhos de expressão, aceitam formas de desenvolvimento de grande plasticidade; até o ponto que alguns potenciais podem ser reprimidos e obstruídos, enquanto outros podem ser expressados em suas máximas possibilidades. Este fenômeno é o que cria as abismais diferenças entre um ser humano e outro.

Se a informação genética de cada ser vivo representa sua identidade, a qual deverá expressar-se totalmente no meio adequado, no caso do homem a situação parece ser diferente. É como se o homem, ao optar por caminhos divergentes de ordem biológica, estivesse permanentemente ganhando e perdendo sua identidade.

A vida humana é, essencialmente, fronteira.

A consciência, ao refletir sobre si mesma, descobre sempre uma sugestão que tem o caráter de provocação à mudança.

Um vírus, um peixe, um pássaro ou um cavalo, possuem identidade; porém um homem é muitos homens. Dentro de cada ser humano, muitos homens lutam para ganhar sua existência, todos em guerra, no oceano do indiferenciado, lutam por ganhar existência, por expressar-se em ação, em volúpia e em dor dentro desse sistema multidimensional de energias que chamamos nosso corpo.

Se um sistema de desenvolvimento educativo pudesse cultivar as cinco Linhas Essenciais de Vivência (Vitalidade, Afetividade, Sexualidade, Criatividade e Transcendência), ainda que em um grupo restrito de pessoas, a humanidade inteira daria um salto evolutivo, pois teria a nutrição indispensável para produzir grandes processos catalizadores dentro da espécie humana.

A necessidade de harmonia parece ser inerente ao ser humano. Poderíamos dizer que constitui a mais intensa forma de nostalgia. Se os

Sistemas Vivos se organizam sobre princípios coerentes sob a harmonia da Unidade, o homem, em sua mais íntima condição, aspira a formas crescentes de harmonia e ressonância com a totalidade.

Biodança propõe unir a Harmonia da Música à Harmonia do Amor, no movimento cordial da vida.

Harmonia é 'movimento-amor', função hipotalâmica de comunicação e contato, risco, luta e cuidado para estabelecer pontes através das quais circule a energia vital. Chegamos, assim, a um novo conceito de harmonia, cujo principal instrumento é a carícia. Uma harmonia pulsante, fluida, íntima, cálida; uma harmonia na qual cada indivíduo encontra amnios, o semelhante que o contém.

A integração é a busca da relação das partes com o todo, para aumentar a perfeição do todo. Temos chegado, enfim, a uma forma evolucionária de harmonia: a proposta de Heráclito, a harmonia do eterno retorno, do eterno renascimento, a harmonia em movimento.

A técnica de harmonia é "conexão à vida", através do movimento, a música, o olhar, o contato, o sorriso, o abraço, a dança, são introdutores de harmonia.

Harmonia é renascer com o Outro.

Chegou a hora de pensar de novo sobre o Amor, a Liberdade e a Transcendência, mas não como conceitos abstratos, senão como alusões imediatas, como experiências corporais, como os nomes que podemos dar a nossas formas de participação existencial.

A Humanidade tem buscado, através da história, cada vez maiores graus de liberdade interna. Isto significa que através de ideologias, religiões e implacável questionamento filosófico, tem tentado libertar-se de distintas formas de condicionamento.

O ser humano busca, intuitivamente, em sua trajetória existencial, formas de vida estruturadas e não ações isoladas. Inclusive, do ponto de vista genético, está demonstrado que não se herdamos movimentos isolados ou funções motoras separadas, mas atos completos, sequências condutuais. Inquestionavelmente, há uma força profunda que impulsiona à vida no sentido de alcançar estruturas coerentes. É neste ponto onde a necessidade de amor adquire uma importância que, até este momento, não havia sido revelada: o amor é a maior força estruturadora da existência.

Liberdade para amar, transcendência, esplendor da identidade e aumento da vivência essencial de estar vivo, são partes de um só processo unitário que dá estrutura à existência.

O amor, visto deste contexto, constitui uma energia que conserva e permite a evolução da vida como vida. É um processo anti-entrópico.

Biodança, ao pôr a máxima relevância na função afetiva, no amor, na realização do amor em nível planetário, está trabalhando com a mais poderosa força integradora de vida. Biodança promove a busca de condições de liberdade para amar, quer dizer, para transformar as formas de condicionamentos letais em condicionamentos que aumentem a integração.

A possibilidade do amor está vinculada ao processo evolutivo da espécie. Para chegar a amar, o ser humano tem que atravessar sucessivas etapas, nas quais há de enfrentar-se consigo mesmo, com os riscos da solidão e da morte, com o vazio de significação, experiências estas que provocam um desenvolvimento extraordinário das funções afetivas.

A hipótese que proponho, é que o salto evolutivo se produziu pelo extraordinário desenvolvimento das funções afetivas de origem límbico-hipotalâmica, a qual produziu, secundariamente, o desenvolvimento e expansão do córtex. Piaget já sugere que o desenvolvimento da inteligência tem uma origem afetiva e Lapierre propõe que a integração das funções motoras só pode realizar-se mediante a prévia integração do núcleo afetivo. A prioridade das funções límbico-hipotalâmicas no processo evolutivo tem sido o leit-motiv do modelo teórico de Biodança, há mais de 25 anos.

O movimento do amor de um indivíduo a outro, é da mesma natureza do vastíssimo movimento da energia cósmica, que luta por expressar-se através de nossas vidas desesperadas em meio a guerras fratricidas e na inanidade dos estilos culturais.

Se nos concentrarmos no espírito da vida, poderemos ter a certeza de que a felicidade é uma condição intrínseca da existência humana.

Edição de texto e tradução do Capítulo 1 de Teoria da Biodança, 1992
por Isa Freire